

**UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO – UNINOVE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE
LINHA DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, FILOSOFIA E FORMAÇÃO
HUMANA – LIPEFH**

ANA CAROLINA ROBLES DE CARA RAMOS

**CAMINHOS DO SERTÃO EM *MORTE E VIDA SEVERINA*: DIÁLOGO
ENTRE A GEOGRAFIA E A LITERATURA**

São Paulo
2016

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO – UNINOVE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE
LINHA DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, FILOSOFIA E FORMAÇÃO
HUMANA – LIPEFH

ANA CAROLINA ROBLES DE CARA RAMOS

CAMINHOS DO SERTÃO EM *MORTE E VIDA SEVERINA*: DIÁLOGO
ENTRE A GEOGRAFIA E A LITERATURA

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho – UNINOVE, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cleide Rita Silvério de Almeida

Ramos, Ana Carolina Robles de Cara.

Caminhos do sertão em morte e vida Severina: diálogo entre a geografia e a literatura./ Ana Carolina Robles de Cara Ramos. 2016. 94 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2016.

Orientador (a): Prof^a. Dr^a. Cleide Rita Silvério de Almeida.

1. Literatura. 2. Geografia. 3. Sertão. 4. João Cabral de Melo Neto
I. Almeida, Cleide Rita Silvério de. II. Título

CDU 37

ANA CAROLINA ROBLES DE CARA RAMOS

**CAMINHOS DO SERTÃO EM *MORTE E VIDA SEVERINA*: DIÁLOGO ENTRE A
GEOGRAFIA E A LITERATURA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho, para obtenção do grau de Mestre em Educação, pela Banca Examinadora, formada por:

São Paulo, 28 de Março de 2016.

Presidente: Prof^a Cleide Rita Silvério de Almeida, Dr^a – Orientadora, UNINOVE

Membro: Prof. Marcos Antonio Lorieri, Dr., UNINOVE

Membro: Prof^a Maria Margarida Cavalcanti Limena, Dr^a, PUC-SP

Suplente Prof^a Elaine Dal Mas Dias, Dr^a, UNINOVE

:

Agradecimentos

A meu pai, Marco Antonio Ramos, e a minha mãe, Cilmara Robles de Cara Ramos, por terem proporcionado uma infância e adolescência de muita alegria e amor. Por terem cultivado em mim a vontade de sempre lutar em busca do conhecimento.

A minha irmã, Luiza Aparecida Robles de Cara Ramos, e a meu cunhado, Felipe Santos Moreira, que tanto me incentivaram, torceram e compartilharam a alegria da conquista de mais um passo tão vitorioso na minha vida.

A minhas avós, Dirce Coque (*in memoriam*) e Joana Ramos, que sempre acreditaram em mim. A minha tia Cristiane, que sempre me incentivou a estudar.

A minhas amigas e companheiras Karla de Lima e Yonara Camurça, por ajudarem na minha caminhada no mestrado. Buscamos o conhecimento e construímos uma linda amizade.

A meu querido amigo Júnior Romanelli, pela amizade, carinho e parceria ao longo de minha trajetória. A minhas amigas Camila Ramos, Karina Brandão e Thamyris Cardoso, que sempre estiveram a meu lado, apoiando minhas escolhas e decisões. A meu amigo Carlos Eduardo de Oliveira, pelo apoio, conversas e conhecimentos geográficos, que foram essenciais para a construção desta dissertação.

A minha orientadora e amiga, professora Cleide Rita Silvério de Almeida, por ter acreditado em minha pesquisa e por ter-me conduzido numa orientação com críticas e compromisso com o trabalho. A amizade que construímos não se romperá aqui, será eterna.

A todos os meus professores do mestrado e especialmente à professora Elaine Dal Mas Dias, pelos conhecimentos sobre Edgar Morin, essenciais para a construção desta pesquisa.

Aos amigos do Grupo de Pesquisa em Complexidade, em especial a Hélio Nogueira, Francisco de Assis, Margareth Passos e Talita Pereira, pelo apoio e troca de conhecimento.

E, por fim, a todos que, direta ou indiretamente, colaboraram para que este trabalho fosse concretizado. Meu muito obrigada.

Resumo

Esta dissertação descreve, a partir de uma visão geográfica, aspectos da percepção do conceito de espaço geográfico no poema *Morte e vida severina*, escrito por João Cabral de Melo Neto em 1956. A obra em questão é uma das mais significativas de nossa literatura. Uma saga que mostra a saída dos habitantes do Sertão Nordestino, interior do país, para a Zona da Mata, fugindo da morte causada pela seca e buscando a vida úmida e fértil. Nessa viagem, Severino depara com o espaço geográfico físico, com seus elementos naturais, como o clima semiárido, a caatinga, rios intermitentes e um relevo formado por serras e planaltos, também com um espaço marcado pela alteração antrópica com cidades, canaviais, palafitas nos mangues. O Rio Capibaribe é o caminho do protagonista, que emigra do interior para Recife, promovendo uma compreensão da relação homem e natureza. Nessa obra, a poética construída é traduzida na experiência de Severino com a natureza, aspecto este que pode ser abordado nas aulas de Geografia para a construção do conceito de espaço geográfico, categoria central da ciência geográfica. As reflexões apresentadas nesta dissertação estão estruturadas sob o prisma da geografia cultural e pelo pensamento complexo. Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica em que se têm como referencial teórico autores como Eduardo Marandola Júnior, Janaína Marandola, Ana Lúcia Gratão, Roberto Lobato Corrêa, Milton Santos e Edgar Morin. Os trabalhos destes pensadores reforçam o interesse em estudar obras literárias analisando-as a partir de um viés geográfico. Essa relação aparece como ideia de valorização e recuperação de categorias da Geografia que estão descritas nas obras literárias, as quais demonstram como a vida humana é percebida e se relaciona com o espaço geográfico. Como resultado, este trabalho demonstra a forma pela qual a poética cabralina permite a conversa entre Geografia e Literatura e para compreensão do conceito de espaço geográfico nas aulas.

Palavras-chave: Literatura. Geografia. Sertão. João Cabral de Melo Neto.

Abstract

This dissertation describes, from a geographic view, aspects of the perception of geographic space concept in the poem *Morte e vida severina*, written by João Cabral de Melo Neto in 1956. The work concerned is one of the most meaningful of our literature. A saga that shows the leaving of the habitants from Sertão Nordestino, interior of the country, to the Zona da Mata, fleeing from death caused by the drought and looking for a humid and fertile life. On this travel, Severino faces the physical geographic space, with its natural aspects, like the semiarid weather, the caatinga, intermittent rivers and a landscape of mountains and plateaus, and also with a space marked by anthropic alteration, with cities, cane fields, stilt houses on swamps. The Capibaribe River is the course of the main character, which migrates from the inner country to Recife, promoting the comprehension of the relation of man and nature. In this writing, the poetry built is translated on Severino's experience with nature, aspect which can be approach on Geography classes for the construction of geographic space concept, main category of geographic science. The reflections presented on this dissertation are structured by the viewpoint of cultural geography and by the complex thought. It is a study of bibliographic review in which we have as theoretical reference writers as Eduardo Marandola Júnior, Janaína Marandola, Ana Lúcia Gratão, Roberto Lobato Corrêa, Milton Santos and Edgar Morin. These thinkers' works reinforced the interest upon studying literary works, analyzing it from a geographic point of view. This relation appears as an idea of valorization and recovering of categories from Geography which are described on literary works, and which displays how human life is perceived and relates with geographic space. As result, the present work demonstrates the way by which "poética cabralina" allows the interaction between Geography and Literature to the comprehension of geographic space concept on classes.

Keywords: Literature. Geography. Sertão. João Cabral de Melo Neto.

Resumen

Este documento describe, desde una visión geográfica, aspectos de la percepción del concepto de espacio geográfico en el poema *La muerte y la vida Severina*, escrita por João Cabral de Melo Neto en 1956. La obra en cuestión es uno de los más significativos de nuestra literatura. Una saga que muestra la salida de los habitantes de la zona de influencia del noreste, hacia el interior, a la zona forestal, la muerte huyendo causada por la sequía y la búsqueda de la vida húmeda y fértil. En este viaje, Severino encuentra con el espacio geográfico físico con sus elementos naturales, como el semi-árido, la sabana, ríos intermitentes y un relieve formado por montañas y mesetas, también con un espacio marcado por el cambio antrópico con las ciudades, cañas, zancos en manglares. El río Capibaribe es el camino de la protagonista que emigra desde el interior hacia Recife, facilitar la comprensión de la relación entre el hombre y la naturaleza. En este trabajo, la poética construida se traduce en experiencia Severino con la naturaleza, este aspecto puede abordarse en las clases de Geografía para la construcción del concepto de espacio geográfico, categoría central de la ciencia geográfica. Las reflexiones presentadas en esta tesis se estructuran desde la perspectiva de la geografía cultural y el pensamiento complejo. Esta es una revisión bibliográfica en la que tienen como autores teórica como Eduardo Marandola Junior, Janaina Marandola, Ana Lucía Gratão, Roberto Lobato Corrêa, Milton Santos y Edgar Morin. Las obras de estos pensadores hacen hincapié en el interés por el estudio de las obras literarias analizándolos desde un sesgo geográfico. Esta relación aparece como idea de la recuperación y la recuperación de las categorías de la geografía que se describen en las obras literarias, que demuestran cómo la vida humana se percibe y se relaciona con el espacio geográfico. Como resultado de ello, este trabajo demuestra la forma en que el Cabralian poética permite la conversación entre la geografía y la literatura y la comprensión del concepto de espacio geográfico en clase.

Palabras- clave: Literatura. Geografía. Hinterland. João Cabral de Melo Neto

Lista de ilustrações

Mapa 1 – Regiões geográficas do Nordeste	13
Mapa 2 – Localização geográfica do Rio Capibaribe	14
Mapa 3 – Domínios morfoclimáticos brasileiros (áreas nucleares – 1965)	67
Mapa 4 – Bioma da caatinga	74
Esquema 1 – Rede dos problemas do mundo	80

Sumário

1 Introdução	8
1.1 <i>Jornada da pesquisadora</i>	9
1.2 <i>O projeto de pesquisa</i>	11
1.3 <i>Fundamentação teórica</i>	14
1.4 <i>Revisão da literatura</i>	16
1.5 <i>Objetivos</i>	18
1.6 <i>Metodologia</i>	18
1.7 <i>Estrutura da pesquisa</i>	19
2 Caminhando nas trilhas da geografia humanística e cultural	21
2.1 <i>Geografia cultural: uma antologia</i>	23
2.2 <i>Geografia e Literatura: um breve histórico</i>	27
3 Geografia humanista cultural e o espaço geográfico: o inter-relacionamento com a Literatura	37
3.1 <i>O espaço: geográfico, social e literário</i>	37
3.2 <i>O inter-relacionamento da Geografia com a Literatura</i>	41
3.3 <i>Literatura, Geografia e ensino</i>	49
4 Geografias em <i>Morte e vida severina</i>: conhecendo o Sertão Nordestino por meio da Literatura	54
4.1 <i>O poeta João Cabral de Melo Neto</i>	54
4.2 <i>Caminhos do sertão em Morte e vida severina</i>	56
4.3 <i>Ensinando o sertão com João Cabral de Melo Neto</i>	58
5 Considerações finais: as várias faces de uma vida severina	79
Referências	83

1 Introdução

Para quem pretende aventurar-se na grande jornada desta dissertação, vale a pena seguir alguns passos. Os trajetos podem ser percorridos de vários modos, uns mais rápidos, uns mais perigosos e uns que necessitam de certo equilíbrio. Porém, este caminho da dissertação deve ser feito de maneira mais simples, mas nem por isso mais fácil. Deve-se seguir o percurso passo a passo.

Ao andar podemos olhar o mundo, a paisagem, o homem e as coisas de modo diferente. Podemos, ainda, prestar atenção em pequenos detalhes, sorrir, sofrer, pensar, sonhar, encontrar e conversar com as pessoas.

Durante essa marcha, as primeiras etapas devem ser cumpridas com o intuito de passar por paisagens de minha própria jornada trajetória para a realização desta pesquisa.

É difícil saber ao certo como começar um trabalho. Então, começamos do começo. Com “começo” queremos dizer de onde surge a motivação de escrever esta dissertação. E ela se manifestou de maneira bem simples: decorreu do gosto pela Literatura, desenvolvido ao longo de minha vida.

Meus pais apreciam a leitura e me passaram este prazer, proporcionando o contato com muitos autores: Ziraldo, João Cabral de Melo Neto, Machado de Assis, Cora Coralina, Euclides da Cunha, Monteiro Lobato... Ficava encantada com os espaços descritos e a vida dos personagens que me conduziam a lugares mágicos.

Essa influência fez com que, durante meus estudos universitários, eu procurasse um sentido que me levasse a compreender a Geografia presente nas obras literárias. Para isso, aprofundei-me nos estudos da geografia cultural e assim pude perceber que a Geografia pode iluminar a discussão do romance literário e que essa seria uma possibilidade para ensinar questões que envolviam o espaço geográfico. Ao iniciar a docência para as séries do ensino fundamental II na escola pública da rede estadual de Osasco e particular, assim que finalizei a licenciatura e o bacharelado em Geografia, no Centro Universitário FIEO, coloquei em prática o uso da Literatura em minhas aulas para trabalhar conceitos fundamentais da Geografia, como paisagem, território, espaço geográfico, urbanização, entre outros.

Motivada pelas atividades realizadas com meus alunos e pelas análises e reflexões durante a graduação, cursei especialização em Ensino de Geografia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo para aprofundar meus estudos em geografia cultural e humanística. Pesquisei sobre as possibilidades de usar a Literatura, especificando Lima Barreto, nas aulas de Geografia, trabalhando a construção e mudanças ocorridas no espaço geográfico devido à urbanização. A escolha em fazer o mestrado em Educação vem como consequência deste percurso.

A escolha da obra *Morte e vida severina* não foi casual. Na busca sobre obras que retratassem o sertão, encontrei o *Atlas das representações literárias de regiões brasileiras*, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que faz referência às obras de João Guimarães Rosa, José de Alencar, Dinah Silveira de Queiroz e Graça Aranha. Também está relacionada a importância de João Cabral de Melo Neto para a Literatura e para a Geografia, pois suas obras descrevem a espacialidade do sertão (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2006).

1.1 Jornada da pesquisadora

Caminhante, não há caminho, o caminho se
faz ao caminhar.
(MACHADO apud MORIN, 1997, p. 24)

Nossa trajetória é permeada por desafios.

Nasci em São Paulo (SP) no ano de 1988. Meus pais tiveram a oportunidade de concluir o ensino superior – minha mãe em Ciências Contábeis e meu pai em Administração de Empresas – e sempre fizeram de tudo para que eu e minha irmã tivéssemos acesso à educação escolar. Devido às condições econômicas da família, estudei em escolas privadas durante todo o período da educação básica. Na infância estudei na escola Pueri Domus, localizada na Aldeia da Serra; em São Paulo realizei a pré-escola; ao mudar para Osasco, estudei no Colégio Objetivo até a 2ª série do ensino fundamental I; posteriormente, no Colégio Getúlio Vargas, até a 6ª série; e depois no Colégio Peres, escola em que cursei a 7ª e 8ª séries do ensino fundamental II.

Não há dúvida de que em todas as escolas passei por muitas aventuras e desventuras, especialmente na adolescência, mas todas elas se tornaram experiências que se constituíram em condições objetivas e subjetivas para decisões futuras, inclusive a escolha da carreira docente. Desde muito cedo, sempre existiu em mim o desejo de ensinar. Aos 14 anos decidi, auxiliada por meus pais, fazer o ensino médio no Colégio Nossa Senhora da Misericórdia, onde cursei a Habilitação para o Magistério até o 4º ano Adicional. Vale esclarecer que era o único colégio da rede privada de Osasco a oferecer o Magistério.

Ao concluir o Magistério em 2006, continuei a formação para a carreira docente no Centro Universitário FIEO, em Osasco, cursando Geografia; comecei a trabalhar na Prefeitura de Osasco, em uma escola de educação infantil, e posteriormente ingressei na Escola Estadual Walter Negrelli como professora de Geografia.

Tanto na universidade quanto no trabalho deparei-me com professores valorosos e extremamente competentes, que muito me incentivaram a lutar para concluir o curso e a valorizar os processos de ensino e aprendizagem nos quais estava inserida.

Finalizando o curso de Geografia em 2009, com incentivo da minha família comecei a realizar o curso de Gestão Ambiental na Universidade Anhanguera, para aprimorar meus conhecimentos e realizar projetos de educação ambiental. Nesse mesmo ano, ingressei no Colégio Nossa Senhora da Misericórdia, agora como professora de Geografia do ensino fundamental II. Finalizando o curso, fiquei motivada a continuar meus estudos e entre 2012 e 2013 cursei uma especialização na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em Ensino de Geografia, quando pude aprimorar meus conhecimentos e aprofundar meus estudos na relação Literatura e Geografia.

Nas escolas em que lecionei, pude realizar trabalhos com Literatura nas aulas. Tais experiências desencadearam em mim inquietações e questionamentos e comecei a me aprofundar no tema, primeiramente com a monografia do curso de especialização e agora no mestrado.

Atuar na Educação demanda de seus profissionais a investigação constante, o estudo disciplinado, a pesquisa regular, a leitura diária, o conhecimento

sistematizado, o aprofundamento teórico; nessa perspectiva, o Mestrado Acadêmico em Educação tornou-se uma porta aberta para esse tempo irrecusável e imprescindível, determinante para o crescimento intelectual e profissional, bem como para o aprofundamento da formação docente.

1.2 O projeto de pesquisa

Para compreender a Literatura como parte integrante da disciplina de Geografia e por meio dela construir a ideia sobre o espaço geográfico, vale trazer algumas informações sobre a geografia cultural e sobre a obra em questão: *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto.

A geografia cultural sistematizou e tornou mais evidente o uso da Literatura na Geografia, a fim de compreender a dimensão do espaço geográfico nas obras literárias. Ela começou a utilizar essa proposta no ensino para evitar a memorização, recurso muito utilizado na geografia clássica.

A presente proposta de pesquisa teve início com questionamentos surgidos durante a graduação e em meu cotidiano como professora, sendo os principais: como a Literatura pode proporcionar o aprendizado do espaço geográfico? Como podemos trabalhar a obra *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto, no ensino de Geografia a fim de proporcionar a compreensão do espaço geográfico nordestino?

Falar sobre o espaço geográfico do Sertão Nordeste por meio da obra *Morte e vida severina*, tão rica em aspectos geográficos acerca desse espaço, pressupõe apresentar algumas informações sobre ele. Quando se fala em Região Nordeste, são lembrados alguns aspectos relevantes como as secas terríveis que marcaram épocas e que, ao longo dos séculos, têm agravado a pobreza, as desigualdades, as injustiças sociais e o aumento das migrações.

A Região Nordeste é formada por nove estados da federação, com uma área territorial de 1.561.177,8 quilômetros (km). Localiza-se totalmente na Zona Térmica Intertropical¹ e limita-se ao norte e ao leste com o Oceano Atlântico, ao sul com os

¹ Zonas térmicas são diferentes zonas de intensidades de luz e calor da Terra. Existem as zonas polares, consideradas as mais frias do planeta; as zonas temperadas, que apresentam estações do

estados de Minas Gerais e Espírito Santo e a oeste com os estados do Pará, Tocantins e Goiás.

Historicamente, por causa da seca o Nordeste caracteriza-se como área de emigração. Com a grande oferta de empregos em outras regiões, principalmente no final do século XX e em especial na Região Sudeste, a migração nordestina tem sido destaque na migração nacional.

A população nordestina e as atividades econômicas estão divididas em quatro áreas ou unidades sub-regionais: Zona da Mata, Agreste, Sertão e Meio-Norte.

A Zona da Mata é a mais povoada e a que concentra o maior número de indústrias e cidades. Estende-se do Rio Grande do Norte ao sul da Bahia, numa faixa litorânea de até 200 km de largura. O Agreste corresponde à área que se estende paralelamente à Zona da Mata e se caracteriza como uma zona de transição climática e botânica entre a Zona da Mata e o Sertão. O Meio-Norte é a sub-região localizada na porção ocidental do Nordeste, abrangendo terras do Maranhão e a porção oriental do Piauí; assim como o Agreste, ele também é uma faixa de transição entre a Amazônia e o Sertão.

A sub-região Sertão ocupa a maior parte do Nordeste, com área equivalente a cerca de 75% do espaço nordestino. Abrange territórios de quase todas as unidades federativas que compõem a região, com exceção do Maranhão: estende-se desde o litoral do Ceará e do Rio Grande do Norte até o norte e o nordeste de Minas Gerais.

Na obra *Morte e vida severina* é retratado o espaço geográfico do Sertão, local em que Severino, o personagem central, vive e que decide deixar em busca de melhores condições na Zona da Mata.

Ao apontar a questão da seca no sertão, Josué de Castro (1983, p. 177) nos diz:

[...] reduzem o sertão a uma paisagem desértica, com seus habitantes sempre desprovidos de reservas, morrendo à míngua de água e de alimentos. Morrendo de fome aguda ou escapando esfomeados, aos magotes, para outras zonas, fugindo atemorizados à morte que os dizimaria de vez na terra devastada.

Por meio dessa afirmação, podemos analisar a obra *Morte e vida severina*, na qual a fome é uma das causas da migração de Severino.

Mapa 1 – Regiões geográficas do Nordeste



Fonte: VESENTINI; VLACH (2006, p. 152).

O mapa representa a divisão da Região Nordeste fundamentada como apresenta Manuel Andrade (1987, p. 27); tal divisão classifica uma região com base em critérios naturais, como relevo, clima e hidrografia, e sobre esse espaço natural as organizações dadas pelo homem para atender a suas necessidades.

Severino percorre o Rio Capibaribe, localizado na porção nordeste do estado de Pernambuco, que abrange as regiões do Sertão, Agreste e Zona da Mata. O rio corta 32 municípios e apresenta o regime fluvial intermitente² nos cursos alto e médio, tornando-se perene a partir do município de Limoeiro, no seu baixo curso. O rio torna-se o guia da jornada de Severino; durante a descida, revela diversas paisagens e se torna personagem do texto.

² São rios temporários ou sazonais, pois nos períodos de seca perdem seu fluxo, que é recuperado no período de chuvas.

Mapa 2 – Localização geográfica do Rio Capibaribe



Fonte: PERNAMBUCO (2010, p. 22).

Edgar Morin observa: “Trata-se, enfim, de demonstrar que, em toda grande obra, de literatura, de cinema, de poesia, de música, de pintura, de escultura, há um pensamento profundo sobre a condição humana” (MORIN, 2003, p. 45). Na obra em análise, Severino percorre o rio com diferentes espaços que estão entranhados na condição humana dele, além do seu sentido geográfico, da relação homem e natureza. A escolha da obra de João Cabral não foi por acaso, porque sua poesia nos leva à dimensão poética da existência humana e trabalhar com ela no ensino de Geografia possibilita a compreensão de que vivemos no planeta não só prosaicamente, mas também poeticamente, como aponta Morin (2003, p. 45):

A poesia, que faz parte da literatura e, ao mesmo tempo, é mais que a literatura, leva-nos à dimensão poética da existência humana. Revela que habitamos a Terra, não só prosaicamente – sujeitos à utilidade e à funcionalidade –, mas também poeticamente, destinados ao deslumbramento, ao amor, ao êxtase. Pelo poder da linguagem, a poesia nos põe em comunicação com o mistério, que está além do dizível.

Ainda segundo Morin (2003, p. 11): “Mas a educação pode ajudar a nos tornarmos melhores, se não mais felizes, e nos ensinar a assumir a parte prosaica e viver a parte poética de nossas vidas”.

1.3 Fundamentação teórica

O interesse da Geografia pela Literatura começou na década de 1970 com os estudos da geografia cultural e humanista, que buscou o sentido humanista

valorizando o papel do homem em todas as dimensões, fazendo um resgate da percepção e da emoção presentes na Literatura.

O uso da Literatura na Geografia não se reduz à simples descrição da obra, mas faz uma análise de toda história que traz elementos geográficos em sua estrutura. A Geografia é um componente da própria obra que apresenta aspectos culturais, sociais, históricos e políticos.

Entre as principais questões que envolvem o uso da Literatura nas aulas de Geografia está a exploração dos detalhes da vida dos personagens dentro de um espaço geográfico.

O poema escrito por João Cabral de Melo Neto tornou-se um dos mais conhecidos do país após a apresentação do grupo do Teatro da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (TUCA), na década de 1960. A peça foi musicada por Chico Buarque de Holanda e encenada pela primeira vez em 1965. Foi apresentada em vários lugares do Brasil e sua repercussão permitiu que ela viajasse e fosse apresentada na França, onde recebeu o prêmio do 4º Festival Universitário em Nancy, em maio de 1966.

O autor de *Morte e vida severina* trata do Nordeste fazendo referência à pobreza e miséria da população. O poema revela o trajeto realizado por Severino, que atravessa a paisagem do Sertão Nordestino em direção à Zona da Mata. O rio que desce do sertão para encontrar o litoral. Os percursos revelam o sentido geográfico deste trajeto, enquanto Severino e o Capibaribe passam pelos espaços geográficos de Pernambuco.

O espaço geográfico passou a ser visto como resultado das formas como os homens organizam sua vida e suas maneiras de produzir alterações no ambiente. A Geografia concebe a relação entre natureza e sociedade sob o ponto de vista da apropriação da natureza como recurso; o espaço é a categoria central para a Geografia, e se transforma em espaço literário.

O ensino de Geografia tem por objetivo principal a compreensão da organização do espaço, mas, ao utilizar da memorização mecânica, a Geografia parece não fazer sentido para a vida dos alunos. Nessa perspectiva de análise, o paradigma da complexidade procura romper com esse saber compartimentado e busca a construção do conhecimento a partir de uma abordagem transdisciplinar,

portanto, a integração dos saberes proposta pelo uso da Literatura, como forma de conhecimento para aprender Geografia.

Edgar Morin identifica na Geografia a presença de um conhecimento multidimensional e formador de uma epistemologia da complexidade por princípio, haja vista abranger desde a física terrestre até a biosfera e as implantações humanas. A complexidade foi-se aproximando da vida de Morin, de seu trabalho, e incluindo a sensibilidade, o amor, a ética, entre outros valores individuais e coletivos que cada lugar e cada sociedade expõe e que influenciam na vida de cada um.

1.4 Revisão da literatura

Muitos pesquisadores buscam desenvolver pesquisas relacionadas à abordagem cultural na Geografia que têm a Literatura como base de análise. Nesse sentido, realizamos uma revisão da literatura que será apresentada nos parágrafos a seguir. Foram feitas buscas nas bases de dados da Biblioteca de Teses e Dissertações (BDTD) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

a) Na BDTD, que serviu de ponto de partida para outras bases de dados, ao inserir o termo “geografia cultural” na procura básica encontramos 784 resultados; no entanto, somente os primeiros 500 documentos puderam ser acessados. O *site* indica que é necessário refinar, acrescentando mais um termo à pesquisa, para obter outros resultados. Passando para a busca avançada e inserindo os termos “Literatura” e “ensino de Geografia”, encontramos 40 resultados.

Dos resultados obtidos foram selecionadas algumas bases de dados que apontaram pesquisas sobre Literatura no ensino de Geografia: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal da Paraíba, Universidade Estadual de Londrina, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Universidade Federal de Goiás e Universidade de São Paulo.

Almir Nabozny (2014) apresenta, em sua tese de doutorado, uma compreensão a este respeito ao refletir sobre os modos como ocorrem os processos de autoidentificação das perspectivas culturais na geografia acadêmica; o

trabalho apresenta o histórico da geografia cultural e os materiais produzidos ao longo dos anos. Apoiada na literatura geográfica e antropológica, Yanci Ladeira Maria (2011) apresenta um estudo sobre a paisagem a partir da geografia cultural, tematizando a relação homem, meio, cultura e natureza. A dissertação discute a paisagem na obra de Augustin Berque; constituindo um diálogo interdisciplinar com a Antropologia, ela recorre ao conceito de paisagem para evidenciar a historicidade.

Mais adiante será feito um aprofundamento sobre estas pesquisas.

b) Na página eletrônica de periódicos da CAPES, ao inserir na busca de assuntos os termos “Literatura” e “ensino de Geografia”, foram encontrados sete resultados. Vejamos cada um deles:

Patrícia Velasco (2012) desenvolve um pensamento sobre Literatura e ensino de Geografia ao analisar a relação homem/natureza por intermédio da obra *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, realçando a influência do espaço e da força da paisagem nordestina no espírito, na atitude e na conduta de seus personagens e ampliando o diálogo entre Literatura e Geografia, como uma contribuição para o ensino básico. O autor analisa o espaço literário e geográfico na obra em questão, como a própria expressão do real.

Aparecida R. de Camargo (2012) faz considerações sobre articulação entre o ensino de Geografia e o estudo de obras literárias, os caminhos da Geografia e da Literatura como disciplinas escolares, bem como a fragmentação do saber como um reflexo da corrente positivista ainda presente no meio educacional contemporâneo. Propõe o estudo do romance *O caso da chácara Chão*, de Domingos Pelegrini, o qual integrou a proposta didática aplicada junto a alunos de um curso profissional de uma escola da Rede Estadual de Ensino do Paraná.

Gabino R. de Moraes (2014) buscou a instrumentalização do ensino de Geografia na perspectiva da interdisciplinaridade. A obra *A chave do tamanho*, de Monteiro Lobato, foi utilizada como subsídio para a percepção do conceito de escala geográfica, muitas vezes confundido com escala cartográfica.

Liz A. Giaretta (2008) analisou o pensamento geográfico embutido na visão de mundo do Monteiro Lobato, propondo uma reconstrução do espaço geográfico pautado na ideologia de classe social presente em três histórias: *Geografia de Dona Benta*, *O poço do Visconde* e *A chave do tamanho*. Nessas obras, os pontos

marcantes de discussão são industrialização, integração e identidade nacional, exploração dos recursos naturais, potencialidades e problemas regionais, valorização da educação e da ciência e uma visão do povo e do progresso, encarados com otimismo e com pessimismo, caracterizando a concepção de mundo contraditória de Monteiro Lobato.

Joseilton José de A. Silva (2012) analisou as possibilidades da utilização do cordel como instrumento didático-metodológico no ensino de Geografia. Na atualidade, a Geografia apresenta-se para a escola como uma ciência dinâmica e, portanto, construída no espaço concebido e vivido. Parte-se do pressuposto de que o poeta de cordel expressa em sua produção características de um conhecimento construído nas experiências culturais e cotidianas, revelando as concepções da realidade sociocultural de determinado lugar. O recorte espacial do autor é o Nordeste e são analisados conteúdos geográficos por meio dos cordéis.

1.5 Objetivos

O trabalho investiga como a Literatura pode contribuir na aprendizagem do espaço geográfico.

O objetivo desta dissertação é propor a construção do entendimento do espaço por meio da relação entre o discurso literário e o geográfico. Trata-se também de um estudo que aborda aspectos relevantes à geografia cultural e o espaço descrito por João Cabral de Melo Neto em *Morte e vida severina*, analisando as categorias geográficas à luz da poética da obra em questão ao delimitar o espaço do Sertão Nordestino, que permite um diálogo entre Geografia e Literatura, rompendo com o pensamento fragmentado.

1.6 Metodologia

O presente trabalho pode ser enquadrado na categoria de produção bibliográfica, cujo objetivo é elaborar a síntese de pesquisas realizadas por diferentes grupos de estudiosos para que se alcance uma análise mais aprofundada do conhecimento produzido sobre determinado tópico. Trata-se de uma revisão exploratória e preliminar com o intuito de mapear as pesquisas, verificar as

tendências, conhecer as abordagens teórico-metodológicas mais utilizadas, as contribuições dos estudos, suas conclusões e demandas de pesquisas.

A pesquisa pressupõe a identificação de dados bibliográficos, constituída de obras que se referenciam direta ou indiretamente ao estudo realizado. Uma revisão sistemática da bibliografia.

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos. (SEVERINO, 2007, p. 122)

O levantamento foi feito pela natureza do tema estudado e pela área em que os trabalhos se situam, no âmbito de uma reflexão teórica a partir de livros, artigos, teses e dissertações.

Terminado o levantamento das fontes, iniciamos o trabalho da pesquisa com a leitura e coleta de informações. Primeiramente, realizamos uma triagem em todo o material recolhido e estabelecemos o critério de iniciar pelos textos mais recentes e mais gerais, indo para os mais antigos e mais particulares.

Para Otávio Cruz e Neto (2004), a pesquisa bibliográfica coloca frente a frente os desejos do pesquisador e dos autores envolvidos em seu horizonte de interesse. Esse esforço de discutir ideias e pressupostos tem como lugar privilegiado bibliotecas e arquivos. Mas, como entende Edivaldo Boaventura (2004), a pesquisa bibliográfica constitui-se em uma modalidade de metodologia bastante acionada pela rede mundial de computadores.

1.7 Estrutura da pesquisa

A presente proposta de pesquisa apresenta os resultados dos estudos realizados sistematizados e distribuídos da seguinte forma: “Introdução”, desenvolvimento em três capítulos e “Considerações finais”.

Na “Introdução”, realizamos um apanhado dos elementos motivadores e objetivos da pesquisa, revisitamos a bibliografia especializada bem como discutimos as questões teóricas e metodológicas que fundamentam a pesquisa.

Inicialmente, o desenvolvimento do estudo está estruturado em três partes. No capítulo “Caminhando nas trilhas da geografia humanística e cultural”, optamos por fazer um levantamento histórico da geografia cultural, abarcando uma breve retomada de seu surgimento até a chegada no Brasil. A geografia humanista cultural, enquanto ciência geográfica preocupada com o espaço vivido e fundamentada nos princípios fenomenológico-existencialistas, a fim de dar conta da existência humana e da experiência de mundo, torna possível o inter-relacionamento com a Literatura.

No capítulo “Geografia humanista cultural e o espaço geográfico: o inter-relacionamento com a Literatura”, foram consideradas as possibilidades de intersecção entre Geografia e Literatura, proporcionando uma visão do espaço literário como espaço geográfico, uma forma de conhecimento para as aulas de Geografia.

O capítulo “Geografias em *Morte e vida severina*: conhecendo o Sertão Nordeste por meio da Literatura” faz a correlação dos recortes espaciais possíveis a partir da contextualização do autor João Cabral de Melo Neto e da obra *Morte e vida severina*, para caminhar no sentido de destacar como a Geografia pode ser enriquecida na interdisciplinaridade com a Literatura nas discussões das territorialidades mostradas na poética do autor.

Nas “Considerações finais” são feitas articulações com as análises realizadas sobre o tema pesquisado e sua aplicabilidade na sala de aula.

2 Caminhando nas trilhas da geografia humanística e cultural

A protagonista desta dissertação é a relação entre Geografia e Literatura, mas não se pode falar dela sem tratar da história da abordagem humanista e cultural da Geografia, que trouxe à tona essa relação.

Este breve histórico da geografia cultural procura destacar aspectos importantes para a compreensão das relações humanas. Vale observar que o Cinema e a Música são utilizados nas análises desta dissertação, mas seu foco é a Literatura.

A geografia cultural emerge no auge da geografia marxista ou crítica e é preciso estabelecer interlocuções com outras áreas do conhecimento, como a Sociologia e a Filosofia. A geografia crítica teria surgido em meados de 1970 nos Estados Unidos, a partir de Yves Lacoste. Como aponta José W. Vesentini (2004, p. 223):

Desde o seu nascedouro, a Geografia crítica encetou um diálogo com a Teoria Crítica (isto é, com os pensadores da Escola de Frankfurt), com o anarquismo (Réclus, Kropotkin), com Michel Foucault, com Marx e os marxismos (em particular os não dogmáticos, tal como Gramsci, que foi um dos raros marxistas a valorizar a questão territorial), com os pós-modernistas e várias outras escolas de pensamento inovadoras.

Milton Santos enquadra-se no movimento de renovação da geografia brasileira. O espaço aparece com base na visão marxista, com Henri Lefebvre, e é entendido como espaço social ou lócus da reprodução das relações sociais de produção, isto é, reprodução da sociedade. Inspirado por Lefebvre, Santos trata o espaço como um conjunto de fluxos que recriam as condições ambientais e sociais e, assim, redefinem o espaço, permitindo ações que o modificam; juntos, expressam nessa interação a realidade geográfica, sendo objeto de estudo para a Geografia.

Nesse contexto da história do pensamento geográfico, a partir da década de 1970 aparece a visão de análise pela arte, que busca o conhecimento sem perder a identificação de objeto do próprio homem. Paul Claval (1999, p. 55) orienta este estudo, afirmando:

[...] o romance torna-se algumas vezes um documento: a intuição sutil dos romancistas nos ajuda a perceber a região pelos olhos dos personagens e através de suas emoções. Os trabalhos sobre o sentido dos lugares e sobre aquilo que a Literatura ensina a este respeito são numerosos no mundo anglo-saxão desde início dos anos de 1970.

Para este autor, a ideia de espaço na literatura francesa nas obras de Flaubert e Zola permite ver características sociais que traçam aspectos do espaço vivido da sociedade francesa do século XIX. Além dos franceses, houve uma corrente da língua inglesa que se interessou pelo assunto, com importantes autores, a exemplo de Yi-Fu Tuan (1982), pesquisador relevante dos anos 1970. Solange Ferreira (1990) destaca a contribuição dos autores de língua inglesa para a Geografia usando a Literatura como referência:

[...] estes estudos abrangem tópicos variados tais como as colocações sobre o caráter geográfico na Literatura, o campo de inter-relações entre ela e a Geografia, as vantagens e os cuidados necessários que devem ser tomados pelos geógrafos em seus trabalhos nesta área, ao reconhecerem ambas como abordagens complementares nos estudos sobre aspectos da experiência humana com o espaço. Ainda foram estudados aspectos referentes à percepção do espaço e dos lugares por determinados escritores, as formas de descrição, de desfiguração de paisagens e sobre a importância da imagem literária criada como um canal de influências positivas ou negativas nos leitores sobre diferentes lugares do mundo. (FERREIRA, 1990, p. 20)

Tuan (1980) faz referência aos estudos da Geografia a partir da Literatura no intuito de mostrar a percepção dessa relação por meio dos detalhes e das sensações dos personagens, evidenciando o sentimento existente na relação entre homem e espaço.

No Brasil, entre os pesquisadores que dedicaram suas perspectivas de análise à abordagem da Literatura como recurso para o estudo da Geografia, podemos destacar: Maria Geralda de Almeida (2003, 2010), Heloísa de Araújo (2007), Solange Ferreira (1990), Diva Olanda (2006), Andréia A. de Sousa (2008).

Almeida (2010) faz uma análise da poética de Patativa do Assaré no âmbito da Geografia. A autora revela a diferença entre geografia literária e geografia da literatura:

Grosso modo, para Brousseau [...] a geografia da literatura se interessa pelo contexto da produção da obra, melhor dizendo, o que se encontra tanto a montante (condições de produção escrita)

como a jusante (divulgação, repercussão no meio acadêmico e do mercado, comercialização e prêmios). Já a geografia literária tenta, preferencialmente, fornecer uma interpretação do texto literário, baseando-se em categorias, conceitos e análises geográficas e até o aspecto social é incorporado. (ALMEIDA, 2010, p. 142)

A geografia da literatura, como afirma a autora, apresenta um interesse pelo contexto em que a obra foi produzida, que vai desde as condições de produção escrita até a divulgação. Já a geografia literária fornece uma interpretação do texto estudado fundamentado em conceitos, análises geográficas e em aspectos sociais incorporados nesse texto.

A geografia literária tem por objetivo compreender e interpretar o espaço; no caso da obra abordada nesta dissertação, o Sertão Nordestino, apresentado por João Cabral por intermédio de Severino, levando em conta que a linguagem literária comunica aspectos da realidade ou fatos e tempos da experiência humana.

A pretensão deste estudo é fazer a geografia literária da obra *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto, abordando o espaço geográfico do Nordeste brasileiro na perspectiva da relação homem e natureza; antes, porém, faremos um breve histórico da relação entre Geografia e Literatura.

2.1 Geografia cultural: uma antologia

Em sua trajetória, a geografia cultural comporta vários períodos, autores e ideias que estabeleceram marcas que até hoje são incorporadas à história do pensamento geográfico.

A geografia cultural apresenta dois caminhos ao longo dos quais as pesquisas foram realizadas, diferentes entre si por sua gênese, percurso e conceito de cultura adotado: a geografia cultural saueriana e a nova geografia cultural.

A geografia cultural saueriana tem como marco temporal inicial o ano de 1925, em que Carl Ortwin Sauer publicou *A morfologia da paisagem*, e 1975, ano de seu falecimento, como marco final. Foi em torno desse ano que a nova geografia cultural começou a emergir, ganhando força a partir de 1980. Ambos os caminhos produziram contribuições valiosas para o entendimento da ação humana no espaço.

Na geografia cultural saueriana, o conceito de cultura é entendido como o conjunto dos costumes, crenças, hábitos, habilidades, técnicas, leis, artes, linguagem, gestos, moral e manifestações materiais, como algo que paira sobre a sociedade independentemente dela; já no âmbito da nova geografia cultural, o conceito de cultura é dado aos significados criados e recriados pelos diversos grupos sociais a respeito das diferentes esferas da vida em seus espaços específicos, ou seja, é inserida uma perspectiva de interpretação.

Roberto Lobato Corrêa tece considerações acerca da primeira fase da geografia cultural, produzida por Carl Sauer:

Desenvolvimentos recentes em geografia cultural, de Carl Sauer, originalmente publicado em 1927, é pouco conhecido pelos geógrafos. Lançado dois anos após *A morfologia da paisagem*, incorpora as ideias de autores europeus até então desconhecidos por ele. Mais do que isso, trata-se de um primeiro resgate do que foi a produção geográfica europeia da segunda metade do século XIX aos anos 1920. Nesse texto, já estão postas as bases mais sólidas sobre as quais a geografia cultural saueriana seria construída. (CORRÊA, 2012, p. 9)

Na nova geografia cultural existe a adoção de perspectiva interpretativa influenciada por geógrafos ingleses como Denis Cosgrove, que reconhece a diversidade de interpretações atribuídas às diferentes esferas da espacialidade humana, instaurando uma perspectiva de construção que está aberta para as interpretações elaboradas pelos outros e reconhece o papel da imaginação humana. Como aponta Corrêa (2012, p. 10):

O homem captura dados sensoriais, metamorfoseando-se por meio de sua capacidade metafórica, gerando novos significados. Os dados capturados não são mimeticamente reproduzidos, mas culturalmente interpretados. O papel do geógrafo cultural é o de interpretar os significados que os outros elaboram a respeito da espacialidade humana.

A geografia cultural incorporou aos estudos geográficos o conceito de gênero de vida, emergindo o conceito de espaço vivido de Armand Frémont, um dos maiores exemplos da incorporação da abordagem cultural na Geografia. Jöel Bonnemaïson apresenta a territorialidade como decorrente da etnia, constituindo uma relação cultural de dado grupo social e uma trama de lugares que dão origem a um sistema espacial, isto é, um território que possui núcleo e periferia, gerando uma afetividade territorial a partir dos espaços vivenciados (CORRÊA; ROSENDAHL, 2012, p. 15).

Segundo Jean Gallais, nas sociedades primitivas o espaço não era vivenciado de acordo com uma métrica comum a todos, como ocorre nas sociedades urbano-industriais; portanto, as diversas culturas vivenciam o espaço de modos diferentes (BROSSEAU, 2007, p. 21).

A geografia cultural é vista como um campo de investigação amplo, tanto na questão temática quanto na metodologia. Na geografia cultural, a definição sobre a dimensão espacial da cultura é a de Linda McDowell, que apresenta, a partir de Michel Foucault, uma visão marxista e do pós-modernismo geral:

Cultura é um conjunto de ideias, costumes e crenças que modulam as ações de um povo e a produção de artefatos materiais. É definida e determinada socialmente em relação ao poder. Certos grupos impõem sua cultura e outros grupos a contestam. Cultura é uma visão do mundo que é usada por diferentes atores sociais para conferir significado às localidades onde moram, criando, assim, uma variedade de paisagens culturais. (MCDOWELL apud CORRÊA; ROSENDHAL, 2012, p. 31)

Segundo essa visão, a ideia de interação entre indivíduos e grupos diferentes mostra que a Geografia nunca esteve limitada às atividades de seus representantes acadêmicos, como uma disciplina universitária. Ela recebeu o reconhecimento inicial há um século, com a nomeação de Carl Ritter na Universidade de Berlim, com o talento de suas conferências e textos, apoiado pelas investigações de Alexander Von Humboldt, ambos considerados os iniciadores da geografia moderna.

Essa visão de cultura complementa a de Edgar Morin, que a caracteriza como organizada/organizadora por meio da linguagem a partir dos conhecimentos adquiridos, das competências apreendidas, das experiências vividas, da memória e das crenças de uma sociedade. Com isso, a cultura institui normas/regras que organizam a sociedade e os comportamentos de cada membro.

Assim, na visão de Morin cultura é uma organização recursiva. Nessa perspectiva,

Se a cultura contém um saber coletivo acumulado em memória social, se é portadora de princípios, modelos, esquemas de conhecimento, se gera uma visão de mundo, se a linguagem e o mito são partes constitutivas da cultura, então a cultura não comporta somente uma dimensão cognitiva: é uma máquina cognitiva cuja práxis é cognitiva. (MORIN, 2011, p. 19-20)

Nesse sentido, podemos dizer que a cultura de uma sociedade é uma grande memória que retém todos os dados cognitivos e prescreve as normas daquela sociedade. A cultura se abre e se atualiza, fornecendo aos indivíduos da sociedade seu saber acumulado, a linguagem, paradigmas, lógica, métodos de aprendizagem e, ao mesmo tempo, inibe com as normas. Para Morin (2005, p 56):

A cultura é constituída pelo conjunto dos saberes, fazeres, normas, proibições, estratégias, crenças, idéias, valores, mitos, que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social.

Como observa esse autor, em sua complexidade o ser humano mostra-se ao mesmo tempo totalmente biológico e cultural. Percebemos isso ao ter contato com a poesia de João Cabral, ao acompanhar Severino em seu trajeto, em sua relação com o espaço geográfico do Nordeste, e é nessa perspectiva que usaremos a abordagem da geografia cultural.

A despeito de a geografia acadêmica brasileira ter sido criada em 1934, com a implantação do curso de Geografia na Universidade de São Paulo (USP), foram necessários 60 anos para que a geografia cultural fosse reconhecida, ainda assim, por poucos geógrafos. Como já foi apresentado, esse subcampo já tinha longa história na Europa e nos Estados Unidos, tendo se desenvolvido a partir de 1890. Trataremos a seguir da geografia cultural brasileira.

O desenvolvimento da geografia cultural no Brasil está relacionado à geografia regional, segundo a qual a cultura constitui um componente das complexas relações entre sociedade e natureza que caracterizam as regiões. Uma das causas para o pouco desenvolvimento da geografia cultural no Brasil é o desinteresse dos pesquisadores brasileiros e culturais estadunidenses em relação ao estudo dessa abordagem no Brasil.

A expansão dos cursos de Geografia no Brasil a partir da década de 1970 foi acompanhada pelo desenvolvimento da geografia quantitativa entre 1970 e 1978. Essa é a segunda razão para o desenvolvimento tardio da geografia cultural, pois, para os adeptos dessa corrente, a cultura era secundária. A terceira causa está vinculada à influência do materialismo histórico e dialético, pelo qual a cultural teria sido

deixada de lado por ser concebida como superestrutura determinada pela base econômica. Consideramos 1980 o marco do predomínio da visão cultural na Geografia.

A partir de 1995, a produção brasileira passou por um significativo e contínuo crescimento, com dissertações, teses, artigos publicados em coletâneas e periódicos. Essa produção ratifica a adoção, pelos geógrafos, da geografia cultural, caracterizada pela diversidade teórica, metodológica e temática.

2.2 Geografia e Literatura: um breve histórico

O interesse da Geografia pela Literatura não é novo; os trabalhos produzidos eram bem escassos até a década de 1970, quando a geografia humanista anglo-saxã multiplicou o apelo em favor da utilização de fontes literárias. Os raros artigos publicados antes de 1970 debatiam a utilização do romance como complemento das análises regionais; inscreviam-se na tradição de uma geografia regional histórica, acrescentando a ela uma perspectiva literária.

Os testemunhos literários não eram considerados bases sólidas para uma geografia científica rigorosa, como aponta Claval (1974). Jean-Pierre Chevalier examina a pouca atenção que os geógrafos franceses dedicaram às fontes literárias no âmbito de suas monografias regionais (BROSSEAU, 2007).

No início dos anos 1970, emergia a geografia humanista em reação à geografia quantitativa, dominante. A tentativa era a de colocar o sujeito – um tanto abandonado em favor dos bancos dos dados – no centro do trabalho dos geógrafos, evocando a fenomenologia e o uso da Literatura. Esta poderia servir de fonte capaz de avaliar a originalidade e a personalidade dos lugares e fornecer exemplos de apreciação pessoal das paisagens.

Em 1972, a União Geográfica Internacional realizou uma sessão sobre o uso de romances para o ensino da disciplina, interesse manifestado em muitos artigos de diferentes pesquisadores. Em 1974, no encontro anual da Associação dos Geógrafos Americanos, foi dada abertura para a análise das paisagens na Literatura. Finalmente, em 1979 o Instituto dos Geógrafos Britânicos dedicou um dos encontros anuais ao debate da relação entre Geografia e Literatura (BROSSEAU, 2007).

Daí por diante, o movimento estava estabelecido: numerosas publicações, artigos que tratavam de autores, temas ou lugares bem variados. Os trabalhos franceses, contudo, são muito menos numerosos e mais recentes. Como aponta Marc Brosseau (2007, p. 20): “Uma das primeiras manifestações em favor da literatura está no livro de Dardel [...], que cita copiosamente os poetas quando estes exprimem, talvez melhor que os outros, esse sentimento de geograficidade desenvolvida”.

Na mesma época, aparecia um pequeno artigo que passou despercebido, em que Ferre discutia a Geografia considerando a geografia vivida, desenvolvida na França a partir de 1970; Juillard propôs uma leitura do território segundo as narrativas das viagens francesas. Sobre isso, afirma Armand Frémont (apud BROSSEAU, 2007, p. 20): “[...] a geografia regional também dependia, em parte, da arte, convidava os geógrafos a refletirem sobre as obras literárias para eliminar a divisão dos saberes sobre o espaço”.

A Literatura, assim, está associada aos trabalhos sobre espaço vivido, campo que tem ensejado inúmeras investigações. As pesquisas sobre espaço vivido encontram na Literatura um meio de fazer face aos aspectos desse espaço. Nesse mesmo caminho, Sylvie Rimbart explora as fontes literárias para compreender a evolução de atitudes em relação à cidade, como também faria Antoine Bailly com relação à percepção da cidade nos romances (BROSSEAU, 2007).

As narrativas de viagem sempre constituíram uma fonte preciosa, porque fornecem testemunhos de primeira mão sobre países e culturas. Como foi lembrado anteriormente, os primeiros trabalhos dos geógrafos utilizaram os romances regionais do século XIX; a esse respeito, questionava-se a capacidade do autor em reproduzir objetivamente as paisagens e os lugares, contudo tais narrativas permitem destacar melhor a percepção do homem em relação a um lugar, espaço, paisagem ou região, oferecendo um retrato vivo-síntese de um lugar e de um povo, que se faz presente nos textos geográficos (BROSSEAU, 2007).

Esse tipo de pesquisa recebeu contribuição fundamental da compreensão e revisão de romances franceses, da literatura rural à operária, passando pela literatura de viagem e pelo romance da cidade, na busca de estabelecer um valor documental a respeito desses trabalhos. Em termos de leitura literal de paisagens literárias, conforme a expressão de Christopher Salter e William Lloyd, embora se

reconheça que não havia adequação estrita entre a paisagem descrita e o texto, concorda-se que a apresentação da relação homem e natureza e das características da exploração econômica da região era digna de crédito. É interessante saber se os autores realmente viviam nos lugares que descreviam, se realmente pertenciam ao ambiente que apresentavam (BROSSEAU, 2007).

Outra vertente dessa abordagem concebe o romance como depoimento dos personagens que o escritor traz na obra de ficção, que não é necessariamente um reflexo da realidade geográfica. O autor seria como um porta-voz que expressa a realidade e o discurso das populações, fazendo os leitores mergulharem nas atitudes, valores e conflitos das pessoas, que ocorrem em determinado espaço.

Para fazer frente a esse problema da exatidão das informações presentes no romance, alguns estudiosos realizaram uma leitura comparada de diversos autores, analisando um mesmo espaço e uma época determinada (BROSSEAU, 2007). Esse apelo à comparação permite atribuir verdade à imagem produzida e refletir sobre a realidade; a questão da realidade abordada nas obras é colocada quando os romances analisados estão baseados em um universo que nos é contemporâneo e quando fornecem informações de uma época passada. Portanto, a ideia de controle pode ser compreendida de duas formas: conteúdo da descrição e avaliação da qualidade documental do romance.

De outro lado, tem-se uma ideia preconcebida daquilo que deveríamos encontrar nos romances e com a análise da descrição presente no texto literário para adequar a realidade vivida, considerado uma recusa à ficção.

Procura-se no romance uma informação sobre o espaço que não está mais disponível em razão das transformações ao longo do tempo; nesse caso, a leitura comparativa é necessária. O geógrafo, então, torna-se pesquisador e procura construir um quadro de uma cidade por intermédio do romance: uma abordagem de literatura e cidade. Contudo, os trabalhos dessa geografia por intermédio de fontes romanescas estão pouco desenvolvidos; a questão é, muitas vezes, saber se os autores são bons geógrafos, isto é, até que ponto eles se ligam às obras da geografia acadêmica. Como aponta Tuan sobre a geografia humanista anglo-saxã:

[...] constituiu seu credo em torno da noção de sense of place. Procurando estabelecer contrapesos às análises espaciais da geografia quantitativa, seus trabalhos obstinaram-se em valorizar

aquilo que estabelecia a originalidade dos lugares, a carga subjetiva da qual eles são investidos pela experiência. A uma geografia ciência do espaço, propõe-se uma geografia ciência dos lugares para o homem. (TUAN apud BROSSEAU, 2007, p. 28)

Para situar os sujeitos no centro das preocupações dos geógrafos em suas reflexões sobre as relações entre homem e espaço, precisaram ser mobilizados valores, representações, intenções, identidades, experiências e percepções. Na França, o olhar voltou-se para noção de espaço vivido. Buscando uma ideia de sujeito, geógrafos daquele país contribuíram para promover as pesquisas sobre Literatura. Foi grande a quantidade e variedade dos temas abordados pelos pesquisadores, os quais encontraram no romance numerosos exemplos para respaldar a tese sobre a importância da relação homem e mundo, como aponta Douglas Pocock (apud BROSSEAU, 2007, p. 29):

Tanto a literatura quanto as artes são muito úteis para o geógrafo humanista, como fontes de informações e para melhor compreensão do desenvolvimento ou da aparição de nossa sensibilidade no que diz respeito ao meio ambiente; além disso, elas nos ajudam a colocar ou confirmar nossas hipóteses de pesquisas.

A preocupação de ver o homem representa sua experiência do espaço; os geógrafos humanistas privilegiam o romance na medida em que ele propicia um encontro entre o mundo e a subjetividade humana. Essa carga subjetiva do romance valorizada pela geografia humanista permite o acesso a valores associados ao meio ambiente.

No entanto, continuamos no interior de uma concepção em que a Literatura é vista como reflexo da realidade, sem excluir a ideia que a considera como reflexo da alma. Isso está em concordância com algumas versões da geografia humanista que não se voltam tanto para as características do lugar.

Segundo Richard Lafaille, associa-se frequentemente a realidade presente nas obras literárias a um contexto imaginário, de encantamento. Tal situação provém da ausência de reflexão teórica ou estética sobre o funcionamento do texto literário, que muitas vezes torna-se um lugar um pouco mágico onde, em um casamento perfeito, conjugam-se os aspectos concretos no mundo:

Assim, paradoxalmente, a literatura será, ao mesmo tempo, uma ferramenta para melhor penetrar na realidade objetiva e um meio

eficaz para compreender os recônditos da alma. [...] a literatura contribui, de um lado, para regenerar nosso conhecimento sobre as qualidades objetivas das paisagens e, de outro lado, para refinar nossa compreensão sobre as experiências subjetivas ligadas a essas mesmas paisagens. Em resumo, a força da literatura estaria em reunir a objetividade e a subjetividade, duas vertentes que mais se completam do que se afrontam. (LAFAILLE apud BROSSEAU, 2007, p. 32)

Nessa perspectiva apresentada por Lafaille está a busca por trechos que descrevam espaços e pela compreensão das intenções do autor em apresentá-las, além de estar o cerne da relação Geografia e Literatura.

Por meio do espetáculo, da ficção e do lúdico o romance nos oferece a descrição da paisagem e fornece um discurso da experiência do autor no espaço.

Em suas pesquisas, Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl (2007) observam que Merleau-Ponty trata a Literatura de forma sensível, porque por meio dela podemos analisar quem somos e porque ela nos introduz em novas perspectivas e experiências.

Essa atitude que a linguagem poética possibilita é encontrada nas abordagens humanistas da Geografia; os geógrafos anglo-saxões com propostas sobre Literatura, experiência e linguagem fazem um comentário sobre Vidal de La Blache:

Presença, presença insistente, quase obsedante, sob o jogo alternado do escuro e do claro, a linguagem do geógrafo torna-se com facilidade aquela do poeta. Linguagem direta, transparente, que fala sem esforço à imaginação, bem melhor, sem dúvida, que o discurso objetivo do sábio, porque ela transcreve fielmente a escritura sobre o solo. (DARDEL apud BROSSEAU, 2007, p. 38)

Nesse sentido, Eric Dardel manifesta sua vontade de mobilizar linguagens de diferentes registros, sempre privilegiando o poder da linguagem. Dardel estava à procura daquela linguagem que pudesse compreender a experiência da qual ele acreditava encontrar manifestações nos poetas ou nas melhores páginas de Vidal de La Blache (BROSSEAU, 2007, p. 38).

O trabalho de Jacques Lévy constitui uma exceção no campo da geografia humanista, porque se deteve na reflexão sobre os limites da linguagem científica para o estabelecimento de uma geografia humanista fundamentada, mostrando-se sensível à posição do geógrafo em relação à literatura e à tensão entre a linguagem poética e a científica (BROSSEAU, 2007, p. 39).

Os recentes trabalhos dos geógrafos são compatíveis com o projeto da geografia humanista e com aquilo que eles buscam por meio da Literatura. A paisagem imaginária presente nos romances chama a atenção para o modo simbólico de expressão da relação entre o espaço expresso no romance e o real.

O caminho adotado por Lévy, preocupado com a reflexão existencial, foi buscar uma explicação para o conteúdo da obra em relação à existência do autor, evitando o determinismo. Assim, o espaço do escritor é o que Lévy procura elucidar e comparar ao objeto estético, o que permite escapar da leitura realista segura por ele presenciada na maioria dos trabalhos geográficos sobre a Literatura:

Todas essas perspectivas são dignas de interesse, mas têm um ponto em comum que representa, ao mesmo tempo, sua força e sua fragilidade: elas se dedicaram a caminhar sobre as pegadas, a reconhecer lugares geralmente conhecidos da geografia. Por isso entendemos que os estudos centrados em representações do tipo realista e figurativas, e que interpretaram o conteúdo literário como resolvido nele mesmo, pouco têm a ver com a fundação de uma nova geografia humanista, mas tendem a perpetuar – aliás, de uma maneira bastante respeitável – o saber tradicional de nossa disciplina. (LÉVY apud BROSSEAU, 2007, p. 41)

Lévy estabelece o diálogo entre consciência do autor e as contribuições da narrativa que levam o autor justificar a relação do geógrafo com a Literatura. Essa relação complexa pode ter perigos do elitismo, que foi criticado por alguns geógrafos mais radicais em inúmeros trabalhos de inspiração humanista.

Os geógrafos humanistas, ocupados em situar o sujeito no centro das preocupações, tinham, de um lado, uma geografia que havia feito do homem um objeto reduzido às suas características quantificáveis e, de outro lado, uma geografia que tinha o indivíduo como fruto de uma ilusão ideológica.

Resgatando o homem do esquecimento virtual na ciência positivista, os humanistas tenderam a celebrar talvez demasiadamente essa restauração. Como resultado, valores, significados, consciência, criatividade e reflexões podem ter sido supervalorizados, enquanto que contexto, coerção e estratificação social foram pouco considerados. (LEY apud BROSSEAU, 2007, p. 44)

Os trabalhos de inspiração marxista procuraram evidenciar o peso do contexto social sobre a produção literária, mas não é essa preocupação que eu gostaria de relatar aqui. Os trabalhos atuais dos geógrafos humanistas incorporam

essas considerações às suas análises e é certo que a Literatura serviu de apoio aos trabalhos humanistas, que parecem, contudo não ter ocupado qualquer lugar nas posições teóricas surgidas há mais de duas décadas.

Além de descrever e explicar o mundo, a Geografia possibilita situar as relações da sociedade com o espaço e também propostas de reflexão sobre a situação atual dos lugares. A Geografia procura na Literatura um meio de demonstrar aquilo que a realidade poderia ou deveria ser.

Não tanto com a apreensão pelo indivíduo da realidade geográfica tal como ela realmente é, mas com a função social da literatura de imaginar a realidade como ela não é, mas deveria ser, e, assim, com o seu potencial para estimular a mudança. (OLWIG apud BROSSEAU, 2007, p. 47)

Trata-se do caráter fictício da realidade na Literatura, do distanciamento que pode existir da realidade apresentada pelo autor no romance e da própria realidade do leitor; a Literatura pode contribuir para compreender a realidade estabelecida. Nessa perspectiva, a estética compara as transformações no espaço nas descrições literárias, além de examinar as relações sociais e culturais existentes na Literatura.

A Literatura retrata a realidade do espaço não como ele é ou foi, e sim com base na concepção do autor apresentando uma das primeiras críticas que foram produzidas sobre os trabalhos humanistas:

As duas abordagens preocupam-se, é claro, com a interação entre indivíduo e sociedade, mas os geógrafos humanistas consideram que a consciência é o resultado da interpretação que o indivíduo faz do mundo e que flui para a sociedade, ao passo que os geógrafos radicais a consideram como o resultado da posição do indivíduo na sociedade e que reflui para o indivíduo. O humanista enfoca a experiência de vida do indivíduo, seus valores, atitudes e crenças, o significado atribuído aos fenômenos e outros fatores subjetivos e estuda a consciência por esse caminho. Em contraste, o radical começa por analisar a posição de classe das pessoas, a relação entre essa classe e a classe dominante na sociedade, e a suscetibilidade que essa classe demonstra quanto à absorção da ideologia disseminada pela classe dominante. (COOK apud BROSSEAU, 2007, p. 49)

Ebenezer Cook trata do distanciamento do romance em relação à realidade, interpretado como uma expressão falsa de uma consciência do autor. A Literatura deve estar na corrente revolucionária e contribuir para promover movimentos sociais;

consequentemente, as pesquisas deveriam tratar de temas como regionalismo, nacionalismo e, enfim, da percepção do meio ambiente ou da paisagem. O papel da Literatura e sua relação com a realidade social são expostos claramente e documentados, o que não é muito frequente nos trabalhos dos geógrafos sobre Literatura (BROSSEAU, 2007).

A Literatura é considerada pelos geógrafos uma forma de conhecimento importante para conhecer o contexto social da época que a produção literária retrata. Podemos citar as obras de Lima Barreto que discutem as questões que envolvem o contexto social das populações periféricas do Rio de Janeiro.

O papel da produção literária no contexto da sociedade é apresentado pelo pesquisador John Silk, que examina um conjunto de escritores que contribuíram para tecer uma ideologia nacional e dar forma a uma imagem mítica do sul dos Estados Unidos (BROSSEAU, 2007, p. 53). Essa imagem apresenta elementos de raça e de classes sociais que não correspondem à realidade e os geógrafos estão preocupados com a Literatura como uma prática ligada a suas condições de produção, como aponta Dennis Norman Jeans a respeito das pequenas cidades que aparecem nos romances dos Estados Unidos, no contexto da urbanização:

A redescoberta das virtudes das pequenas cidades no romance indica o arrefecimento do sonho que havia inspirado o processo espacial de urbanização, e pode-se esperar que isto formate o padrão do futuro crescimento populacional. Em muitos casos, esses romances representam as experiências do próprio autor, e não uma opinião direta das massas, mas sua importância como indicadores sociais é aumentada por sua aceitação na indústria editorial. (JEANS apud BROSSEAU, 2007, p. 53)

Recentemente, alguns geógrafos debateram as representações culturais dominantes na Literatura como base nas relações humanas, como Heather Avery, que examinou as imagens culturais que parecem prevalecer nas interpretações das obras, dominadas por uma visão da relação homem-natureza. Essa literatura interpreta a paisagem como um território a ser conquistado. O autor chama a atenção para a voz feminina, que propõe menos conflitos nessa relação, gerando uma importante renovação na geografia contemporânea, porque procurou mostrar como as questões de classes sociais, etapas da vida e relação entre homens e mulheres se conjugam de forma diferenciada no espaço. Assim, a leitura de obras produzidas por

mulheres pode fornecer uma visão alternativa, porém, com impacto limitado, em razão de sua relativa marginalidade sociocultural (BROSSEAU, 2007, p. 54).

Alguns geógrafos também se voltaram para as relações entre o pensamento geográfico e o de outras esferas intelectuais, tais como Filosofia, Sociologia, História.

No mesmo sentido, Henry Miller propõe uma leitura do regionalismo e do romance regional, procurando mostrar como um pode contribuir com o outro. Os trabalhos realizados por alguns geógrafos abordam a relação Literatura e Geografia, dando importância ao saber geográfico como desencadeador do romance. Chamam a atenção também para a riqueza geográfica das obras literárias e como ela pode ser integrada ao estudo da Geografia (BROSSEAU, 2007, p. 20).

Acompanhando a evolução do tema regional na Literatura, principalmente a francesa produzida nos séculos XIX e XX, Claval constata que a tradição regionalista tenta estabelecer aproximações entre o papel do quadro espacial no interior da narrativa e do pensamento geográfico. Discute também a passagem de um espaço considerado suporte para uma diversidade regional que serve de moldura para o enredo; assim, essa perspectiva geográfica oferece um esclarecimento diferente sobre a Literatura (BROSSEAU, 2007).

Como vimos, grande parte das pesquisas revela a preferência pela literatura realista. Na corrente humanista, encontramos a busca pela realidade presente nas obras literárias, que assegura a confiabilidade em termos de informação, que atende às preocupações regionais. Nelas encontramos toda a arte da descrição regional e a busca pela qualidade literária responsável pelo sucesso da tradição.

Para os geógrafos humanistas, o caráter presente na Literatura permitia reencontrar expressões mais subjetivas da experiência dos lugares e das paisagens e voltar a uma época em que as relações entre homem e natureza eram harmoniosas, com vontade de valorizar um relacionamento com o território de sentido em reação aos espaços estandardizados, que se multiplicaram no século XX.

Essa posição assumida pelos geógrafos humanistas não privilegia a literatura produzida no século XIX e desqualifica alguns autores por sua falta de realismo. A maioria dos trabalhos mostra a utilização apoiada em uma concepção da Literatura

como objeto daquilo que ela pode nos ensinar sobre o mundo e sobre a nossa relação com ele.

Um dos principais limites da relação estabelecida até aqui entre Geografia e Literatura: precisaríamos orientar o debate para a questão da identidade da primeira e da especificidade da segunda.

Após essa cartografia das pesquisas geográficas sobre o assunto, parece que a ideia de um romance poderia servir como fonte, no interior da qual poderíamos testar hipóteses geográficas que expressam o papel e o *status* conferidos à obra literária. Isto nos mostra que a obra literária pode servir de apoio a pesquisas realizadas pelos geógrafos acerca da relação entre homem e espaço, pois apresenta diferentes formas dessa relação, bem como aspectos da realidade vivida pelo autor e por seu personagem.

Mais recentemente, alguns geógrafos voltaram-se para a literatura produzida no século XX, a fim de verificar como ela poderia tornar-se detonador de uma nova maneira de pensar o espaço geográfico e conceber uma relação com o texto literário. O diálogo com a Literatura possibilita um trabalho de reflexão sobre nosso próprio modo de escrever a Geografia, o que será exposto no próximo capítulo.

3 Geografia humanista cultural e o espaço geográfico: o inter-relacionamento com a Literatura

Talvez o mais relevante seja considerar a afetividade humana para com a natureza e a sociedade; considerar a ética, os direitos naturais e humanos e quiçá aceitar as diversidades geográficas, que no fundo é que dão cores, odores, sabores e maciez ou aspereza a toda nossa paisagem.
(OLIVEIRA, 2002, p. 195)

3.1 O espaço: geográfico, social e literário

Em seu objeto de estudo, a ciência geográfica busca compreender a relação do homem com o espaço. É uma ciência tanto natural quanto humana, capaz de se moldar à diversidade de seu objeto ao buscar um saber que possibilite entender a relação da sociedade com o meio ambiente. Essa relação manifesta-se na produção do espaço geográfico, que adquiriu vários conceitos dentro da história da Geografia.

No estudo do espaço/tempo, utilizaremos alguns teóricos para nos ajudar a compreender o espaço na obra *Morte e vida severina*. Para Santos (1988, p. 64), “O espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais”. Dessa forma, entendemos o espaço geográfico como o local onde ocorre todo fato resultante da ação humana, sendo que esta pode ser real ou imaginária.

Vários geógrafos conceituaram o espaço geográfico; porém, ao se falar do Brasil, a escolha será pela abordagem trazida por Milton Santos, que nasceu em Brotas de Macaúbas, no interior da Bahia, no dia 3 de maio de 1926. Formado em Direito pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) em 1948, foi professor em Ilhéus e Salvador. Autor de livros importantes, como *O povoamento da Bahia*, *Futuro da Geografia* e *Zona do cacau*, entre muitos outros. Em 1958, voltou da Universidade de Estrasburgo, na França, com o doutorado em Geografia; trabalhou no jornal *A Tarde* e na Comissão de Planejamento Econômico (CPE-BA), precursora da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE).

Pela trajetória brevemente apresentada, percebe-se que sua escolha para fundamentar o conceito de espaço geográfico nesta dissertação não é casual: tratar do Nordeste, espaço geográfico brasileiro, por intermédio de Milton Santos é mais viável porque foi um autor central, conforme já afirmamos, na renovação e no fortalecimento da Geografia no Brasil.

Para Santos, encontrar uma definição para o conceito de espaço geográfico é uma tarefa árdua, pois é uma categoria da Geografia que recebe várias acepções e diferentes elementos, de forma que nenhuma definição é imutável, todas são flexíveis e permitem mudanças. Para esse autor, o conceito de espaço é compreendido como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações que estão acontecendo e se manifestam por meio de processos e funções. “O espaço é um verdadeiro campo de forças cuja formação é desigual. Eis a razão pela qual a evolução espacial não se apresenta de igual forma em todos os lugares.” (SANTOS, 1978, p. 122)

[...] O espaço, por suas características e por seu funcionamento, pelo que ele oferece a alguns e recusa a outros, pela seleção de localização feita entre as atividades e entre os homens, é o resultado de uma práxis coletiva que reproduz as relações sociais, [...] o espaço evolui pelo movimento da sociedade total. (SANTOS, 1978, p. 171)

O conceito de espaço para Santos é apresentado como um fator social e não somente como um reflexo social que ele denomina como uma instância da sociedade. Segundo o autor,

[...] o espaço organizado pelo homem é como as demais estruturas sociais, uma estrutura subordinada-subordinante. É como as outras instâncias; o espaço, embora submetido à lei da totalidade, dispõe de uma certa autonomia. (SANTOS, 1978, p. 145)

Para esse geógrafo, o espaço precisa ser considerado uma totalidade, ou seja, um conjunto de relações realizadas por meio de funções e formas apresentadas historicamente por processos tanto do passado como do presente. O espaço é resultado de processos sociais, compreendido como uma categoria fundamental.

Desse modo, além de instância social, o espaço tem uma estrutura que corresponde à organização feita pelo homem. O espaço social corresponde ao espaço humano, lugar de vida e trabalho: morada do homem, sem definições fixas. O espaço geográfico é organizado pelo homem vivendo em sociedade, e cada sociedade, historicamente, produz seu espaço como lugar de sua própria reprodução.

Portanto, a organização das cidades, dos tipos de construção, as relações entre as pessoas são aspectos dessa relação entre sociedade e meio que estão presentes no espaço geográfico.

Para falar deste conceito fundamental da Geografia é necessário remeter à relação entre espaço e tempo. Anteriormente apresentamos o conceito de Milton Santos, porém também podemos falar da abordagem realizada por Kant, em que o espaço é uma representação necessária *a priori*, servindo de fundamento a todas as percepções exteriores. Para ele, a verdade é relativa ao espaço e ao tempo. O conceito de espaço absoluto – como algo em si mesmo, independente de qualquer coisa – tem origem em Kant, influenciado por Newton, e foi utilizado por Milton Santos.

O termo “espaço” não é utilizado apenas na Geografia, mas aparece em outras ciências. Uma dessas dimensões é o espaço social de Bourdieu (1997). Ao falar deste conceito, o sociólogo afirma que os sujeitos estão situados em um lugar que, quando ocupado, pode ser definido como superfície que um sujeito ocupa no espaço. O espaço social é constituído por agentes sociais e se define como a distribuição de diferentes bens e grupos dotados de oportunidades para se apropriarem deles. Em síntese, afirma Bourdieu (1997, p. 161):

O espaço social reificado (isto é, fisicamente realizado ou objetivado) se apresenta, assim, como a distribuição no espaço físico de diferentes espécies de bens e serviços e também de agentes individuais e de grupos fisicamente localizados (enquanto corpos ligados a um lugar permanente) e dotados de oportunidades de apropriação desses bens e serviços mais ou menos importantes. [...] É na relação entre a distribuição dos agentes e a distribuição dos bens no espaço que se define o valor das diferentes regiões do espaço social reificado.

Segundo Henri Lefebvre (1991), o espaço está atrelado à realidade social. Para avançar sobre esse conceito de espaço social, o autor trata da relação

espaço e tempo, sendo que o primeiro representa a realidade social e o segundo, o processo histórico da produção social. Por conseguinte, espaço e tempo não existem de forma universal. Como são produzidos socialmente, podem ser compreendidos dentro do contexto da sociedade. Lefebvre (1991, p. 40) propõe uma análise do espaço social como sendo formado por três dimensões em relação dialética, a chamada tríade do espaço social: o espaço percebido, o espaço concebido e o espaço vivido. O espaço percebido é o espaço das práticas sociais; o espaço concebido está associado às representações de espaço; e os espaços vividos são os que dizem respeito ao cotidiano dos usuários e habitantes, considerado simbólico das representações sociais.

Milton Santos entende que é necessário discutir o espaço social e ver a produção do espaço como objeto. Esse espaço social é histórico, obra do trabalho, local no qual o ser humano vive. Espaço é um fato social, produto da ação humana, é uma acumulação do trabalho, uma incorporação de capital na superfície terrestre.

Pensando nesse conceito, a Literatura constitui-se em um documento que cria, recria um momento nessa relação espaço-tempo, trazendo elementos para pensar a sociedade. Nesse sentido “os bons escritores, como testemunhas de seu tempo, captam eventos retratando os aspectos da condição humana que tiveram lugar” (MONTEIRO, 2002, p. 86). A história narra a vida no tempo, esse que está localizado em um espaço. Segundo Castagnino (1970), a relação entre tempo e Literatura vai muito além de uma metaespaço-temporal no qual acontecem fatos. Para o autor:

Tempo e literatura se relacionam de modos diversos: o Tempo, valor absoluto, instalação imaginativa, distância interior, afeta a essência e a estrutura do fato literário; em seu aspecto histórico, estático e referencial, oferece à literatura a coordenada que, junto ao fato geográfico (espaço), permite localizações precisas; através das variantes conhecidas como tempo biológico e tempo psicológico, sob formas de tema e motivação, intrica-se nas fabulações; a problemática do Tempo, discutida em domínios não literários (Física, Matemática, Filosofia etc.), encontra antecipação ou eco e sua aplicação na literatura. (CASTAGNINO, 1970, p.14)

Portanto, toda narrativa é formada por uma relação entre espaço e tempo. “Nas obras ou nos textos literários ou dramáticos ou narrativos, o tempo é inseparável do mundo imaginário, projetado, acompanhando o estatuto irreal dos

seres, objetos e situações.” (NUNES, 1995, p. 24) O espaço é um componente funcional que ajuda na análise e na interpretação de um texto. Segundo Bachelard:

É pelo espaço, é no espaço que encontramos os belos fósseis de duração concretizados por longas permanências. O inconsciente permanece nos locais. As lembranças são imóveis, tanto mais sólidas quanto mais bem especializadas. Mais urgente que a determinação das datas é, para o conhecimento da intimidade, a localização nos espaços da nossa intimidade. (BACHELARD, 2008, p. 29)

É no espaço que se dará toda a realização das ações de Severino, personagem da obra *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto, objeto desta pesquisa.

3.2 O inter-relacionamento da Geografia com a Literatura

[...] a literatura é caminho, e dos mais sedutores, para a Geografia. É a linguagem literária o instrumento essencial para comunicá-la.
(MOTA, 1961b, p. 93)

Alguns geógrafos demonstram interesse em utilizar textos literários como fonte de investigação científica e reconhecem tais fontes como um meio interpretativo do espaço geográfico. Brosseau (2007, p. 17) comenta:

O inglês H. R. Mill, em seu manual de livros de geografia, recomendou a leitura de romances geográficos [...] mas alguns anos antes Herbertson [...] e Keating [...] já sugeriram que os geógrafos, na análise dos lugares, se voltassem para a poesia e para a literatura de ficção. Com algum esforço, podemos também observar um convite nesse mesmo sentido no artigo de Vidal de La Blache sobre a geografia A Odisséia em 1904, ou, ainda antes, nos dois capítulos de Cosmos, de Humboldt, dedicados à literatura e à pintura.

A relação entre Geografia e Literatura cresce com a geografia cultural, em virtude do uso dos romances pelos geógrafos, na intenção de extrair a riqueza geográfica presente naqueles. No ensaio “Literatura e Geografia”, Pierre Monbeig (1957, p. 223) confirma essa posição quando evidencia que o viajante e o explorador colonial eram os antepassados do geógrafo: “Suas obras eram

essencialmente descritivas. Contava suas viagens e, com algumas agradáveis impressões da paisagem, anotava reflexões do bom senso sobre os hábitos e costumes indígenas”.

Aroldo de Azevedo (1950) produziu um artigo sobre Euclides da Cunha comentando a geografia presente na obra *Os sertões*. Assim argumenta Azevedo com relação a vários autores que inspiraram Euclides da Cunha:

A influência de Teodoro Sampaio a respeito do que existe de geográfico em *Os Sertões* parece ter sido realmente notável. Forneceu-lhe mapas inéditos do nordeste da Bahia, transmitiu-lhes numerosos apontamentos de caráter histórico, deu-lhe tudo quanto pudera recolher em sua famosa viagem à Chapada da Diamantina e ao Vale do São Francisco, como um dos componentes da missão chefiada por Milnor Roberts. (AZEVEDO, 1950, p. 24)

Eduardo Marandola Júnior e Livia de Oliveira (2006) tratam dessa relação entre Geografia e Literatura afirmando que as duas possuem uma essência que justifica o espaço e o tempo não só como elemento da obra literária, mas como essência de toda narrativa. Segundo os autores:

Geografia e espaço não são sinônimos, mas a ciência geográfica centrada no espaço possui conceitos e um método próprio que produz um discurso sobre o espaço que se abre ao diálogo interdisciplinar. Por esta via, muito se tem discutido a partir das noções de território, lugar, paisagem, região, tanto no sentido conceitual quanto metafórico. (MARANDOLA JÚNIOR; OLIVEIRA, 2006, p. 448)

No romance, a presença do conhecimento geográfico aparece no modo como os autores relatam e descrevem paisagens, lugares, espaços e regiões, extraíndo descrições detalhadas. O estudo desses detalhes é estimulado em função da descrição concreta de lugares, paisagens, homens, hábitos, costumes, emanando realidade e conhecimento sobre o mundo. A seguir citaremos alguns autores que tratam do espaço geográfico em suas obras literárias:

A cidade do Rio de Janeiro é regularmente edificada. Não se infira daí que ela o seja conforme o estabelecido na teoria das perpendiculares e oblíquas; antes se conclua que a cidade se tem erguido, acorde com a topografia do local onde se assentou e com as vicissitudes históricas que sofreu. (BARRETO, 1995, p. 221)

O espaço geográfico do Rio de Janeiro, descrito por Lima Barreto (1995) na obra *Clara dos Anjos*, percorre a transição da cidade colonial para uma cidade remodelada do século XX. Esse Rio de Janeiro é o espaço do cotidiano do autor, a descrição do subúrbio.

[...] no horizonte que se amplia; até que em plena faixa costeira da Bahia, o olhar livre dos anteparos de serras que até lá o repulsam e abreviam, se dilatam em cheio para o ocidente, mergulhando no âmago da terra amplíssima lentamente emergindo num ondear longínquo de chapadas. (CUNHA, 2002, p. 12)

Neste trecho, Euclides da Cunha (2002) descreve o espaço geográfico do Nordeste, abordando a entrada para o sertão, ao passar por relevo acidentado, formado de serras e chapadas, até a área plana do sertão.

Não obstante as casinhas do cortiço, à proporção que se atamancavam, enchiam-se logo, sem mesmo dar tempo a que as tintas secassem. Havia grande avidez em alugá-las; aquele era o melhor ponto do bairro para a gente do trabalho. Os empregados da pedreira preferiam todos morar lá, porque ficavam a dois passos da obrigação. (AZEVEDO, 1997, p. 14)

No trecho acima, da obra *O cortiço*, de Aluísio de Azevedo, é possível perceber o crescimento da cidade, que rapidamente estava sendo ocupada, numa demonstração da urbanização que se expandia sem planejamento, e o surgimento do cortiço como parte desse espaço geográfico urbano para abrigar os trabalhadores, com a característica do amontoado de casas que funciona como organismo vivo.

O uso da Literatura na Geografia conduz o leitor a espaços e desde a infância faz parte da cultura escolar, porque é lúdica e produz conhecimento. A união entre essas duas abordagens une os mais variados conhecimentos humanos, fazendo as teorias transitarem entre as diversas áreas. Como observa Edgar Morin: “A literatura, a poesia e as artes não são apenas meios de expressão estética, mas também meios de conhecimento” (MORIN, 2012, p. 17).

Nesse sentido, usar a Literatura para compreender o espaço é um dos caminhos para a Geografia, pois a Literatura é um conhecimento e, como arte, é um tecido que dá maior sentido ao mundo. A Literatura reflete a experiência do autor em relação a determinado espaço e tempo.

A obra literária representa o que o autor percebeu, sentiu, imaginou, viu ou interpretou dentro de seu cotidiano. A essência da obra, além de demonstrar um acontecimento do mundo real, expressa também um dado momento histórico, expressa a relação homem-espaço e é influenciada pelas ideias da sociedade.

A Literatura revela uma realidade concreta que demonstra o espaço vivido pelo homem. O interesse em estudá-la a partir de um olhar geográfico é perceber que ela resulta de um tempo e de um espaço vivido pelos autores que serve de objeto de estudo para a Geografia.

A relação homem/natureza é determinada pela atividade material que o homem exerce sobre a natureza. O ser humano age como sujeito e também como objeto de sua própria ação. Vale ressaltar que antes de ser social, o ser humano é um ser biológico, e, segundo Morin (1973), essas duas características são inseparáveis.

A relação homem e natureza precisa ser tratada na Geografia, ciência à qual cabe conhecer e identificar os fatos que acontecem no mundo; estes podem ser observados na Literatura, mostrando experiências vividas pelos personagens que podem ser analisadas geograficamente pelo leitor.

A Literatura é arte e confere significado ao espaço em que o personagem vive. Ela faz uma interpretação da realidade e consegue transformar ficção em verdade, porque o recurso literário retrata as percepções resultantes da observação do autor em relação a seu cotidiano, é a descrição de determinado espaço. Como bem nos explica Manuel Antônio de Castro, a ficção produz um tipo de verdade (1999, p. 45):

E também se pode compreender por que a ficção seja literariamente verdadeira, embora possa até falsear fatos históricos. Nisso é preciso pensar a natureza do signo e do conhecer. [...] ela é fingidora, mas não é falsa.

Os fatos sociais, históricos, econômicos, culturais, entre outros, são expressões do mundo que permitem ao pesquisador compreender o espaço e o tempo histórico. No texto literário, o autor expressa muito do que ele viveu e/ou sentiu. O romancista revela sua realidade e o mundo subjetivo torna-se a descrição da relação entre homem e natureza.

Nos textos literários, os fatos narrados fazem parte do mundo e despertam o sentimento do leitor. É nesse momento que o material serve como recurso para o geógrafo que estuda os fenômenos presentes e os relaciona com os conceitos da Geografia como espaço, lugar, paisagem. Ferreira (1990, p. 11) afirma:

[...] os geógrafos podem extrair da Literatura uma fonte de informações e mensagens que, embora subjetivas e secundárias, enriquecem seus estudos. Ao relacionarem os vários temas literários que abordam sob ângulos diferenciados a experiência do sentido de lugar, encontram-se diante de espaços de significados, com valores afetivos intensos, com um conhecimento que abarca, simultaneamente, o sentimento, a familiaridade e a intimidade. Quando analisamos, geograficamente, as tramas e enredos que envolvem os personagens num dado espaço e tempo, descritos minuciosamente ou apresentados de forma relativamente indeterminada, descobrimos sob outros prismas faces dos processos de interação com o meio ambiente, particularmente, quanto às atitudes, condutas, identificações com o espaço, como seus lugares e sobre suas formas de atribuir valores, signos e símbolos às paisagens.

Os conceitos geográficos como espaço, paisagem, lugar, região ou quaisquer outras categorias não estão restritos aos aspectos físicos como elementos da localização: estão revestidos de aspectos subjetivos percebidos na relação do homem com o ambiente. Como atesta Ruy Moreira (2007, p. 143): “[...] a relação entre Geografia, História e Letras não é só possível, como de fato existe. E o que embasa essa relação é a categoria do espaço”.

A arte representa as relações culturais, sociais, econômicas que ocorrem entre os seres. “Por isso a ficção é tanto mais real quanto mais for ficção, fingir é revelar.” (CASTRO, 1999, p. 48) As representações das paisagens estão diretamente ligadas às experiências vividas pelos personagens e pelos autores das obras. Compreender as relações espaciais na obra literária é captar o sentimento do personagem com o espaço.

Estudar Geografia por intermédio da Literatura é uma forma de apresentar uma nova realidade ao mundo; o geógrafo abre-se para o mundo literário e da arte. A Literatura é um recurso valioso, pois apresenta outras formas da realidade vivida. Um drama, romance ou poema podem retratar a paisagem, o espaço, revelando a construção do real. Podemos citar, como exemplo, um trecho do poema de Fernando Pessoa sobre o espaço geográfico de Lisboa.

[...] Ó céu azul – o mesmo da minha infância –
 Eterna verdade vazia e perfeita!
 Ó macio Tejo ancestral e mudo,
 Pequena verdade onde o céu se reflete!
 Ó mágoa revisitada, Lisboa de outrora de hoje!
 Nada me dais, nada me tirais, nada sois que eu me sinta. (PESSOA, 1999, p. 83)

Geografia e Literatura podem caminhar juntas, como aponta Monbeig (1940) sobre essa aproximação em que a paisagem deve ser entendida tendo como elemento fundamental o homem.

A utilização da Literatura para o estudo da Geografia não é recente. Solange Terezinha de Lima (2000, p. 9) confirma essa assertiva:

[...] o interesse pelos estudos das obras literárias sob uma abordagem geográfica não é recente. Desde a década de quarenta [do século XX], os geógrafos franceses já manifestam suas ideias no sentido de valorizar e recuperar a imensa riqueza de cunho geográfico que reside nos romances, contos, poesias, crônicas, entre tantos outros gêneros literários.

Essa relação entre Geografia e Literatura nasce da necessidade de compreender o mundo de forma mais ampla. Essa abordagem trata da cultura como fonte de entendimento do homem em relação com o espaço, identificando como ele influencia e é influenciado na organização do meio em que vive.

A condição humana presente nas obras literárias serve como fonte de pesquisa para os geógrafos identificarem as relações entre homem e espaço entendendo os meios naturais e culturais descritos pelo autor, que desenha lugares, paisagens, verdadeiras condições da vida humana. O estudo da condição humana nas disciplinas pode ensinar a compreensão das artes como manifestação da própria vida (MORIN, 2003, p. 95).

Morin (2003, p. 44) afirma que “são o romance e o filme que põem à mostra as relações do ser humano com o outro, com a sociedade, com o mundo”.

O estado poético contém as qualidades da vida, entre as quais a qualidade estética que ele pode experimentar pelo deslumbramento diante de um espetáculo da natureza, um pôr do sol, o voo de uma libélula, diante de um olhar, de um rosto, de uma obra de arte [...]. (MORIN, 2012, p. 136)

O mesmo autor considera que a finalidade das artes, da poesia, da literatura e do cinema é colocar todos em um estado poético, visto que em prosa limita-se a sobreviver e que viver é viver poeticamente. A arte como forma de conhecimento humano é um meio pelo qual a humanidade tem tentado compreender a realidade e precisa ser compreendida como tal.

Em contato com outras disciplinas, a Literatura abre para objetos que embasam a construção do conhecimento. Por meio dela, novos ares são respirados, na ligação de novas ideias. A percepção é a chave-mestra desse contexto, porque a imaginação apresenta uma nova visão da realidade, reconstrói o mundo e as relações humanas.

A Literatura contempla dois conceitos básicos utilizados pela Geografia: tempo e espaço. É uma possibilidade de estudo em que o espaço geográfico vivido e a representação desse espaço se completam; neste caso, um estudo sobre as relações afetivas dos sujeitos com sua cidade, espaço, lugar. Tais laços de afetividade, seja do personagem em relação ao espaço da trama, seja do autor com seu espaço vivido, muitas vezes estão expressos na obra literária; esse é o caso de João Cabral de Melo Neto, que possuía um laço de afetividade com o espaço pernambucano, expresso em suas obras. A Geografia passa a utilizar essas informações como instrumento de investigação, distanciando-se de uma ciência abstrata.

A Literatura mostra diferentes modos de vida, oferecendo conhecimento sobre os lugares, como um meio eficaz de investigação que foca aspectos geográficos; nos livros estão presentes diversas metáforas acerca das paisagens e experiências espaciais produtos da sociedade.

No romance, os conceitos de lugar, paisagem, espaço, região são diferentes da percepção que o geógrafo sente quando faz o estudo de campo: não se trata somente de dados físicos, os conceitos estão também carregados de imaginação sobre o real, de sentimento que o autor deu ao personagem para descrever o ambiente. Como explica Maurice Merleau-Ponty (2006, p. 162):

[...] um romance, um poema, um quadro, um trecho de música são indivíduos, isto é, seres que não se pode distinguir a expressão do exprimido, cujo sentido só é acessível por um contato direto e que irradiam sua significação sem abandonar seu lugar temporal e espacial. É nesse sentido que nosso corpo é comparável à obra de arte. Ele é um nó de significações vivas e não a lei de um certo número de termos co-variantes.

A importância da Literatura estaria em mencionar as experiências concretas que o autor tem com o espaço, sem esquecer de que o romance irá dar conta não apenas dos aspectos objetivos da realidade, mas também da subjetividade.

Ao mediar o real e o texto literário por meio da Geografia e da Literatura, o geógrafo Carlos Augusto Monteiro (2002, p. 24) diz que:

[...] a importância conferida à trama liga-se ao fato de que ela é aquilo que, em seu dinamismo, representa da condição humana. A sua comunicação, o seu tomar vida, requer, forçosamente, a projeção dessa trama num dado espaço-tempo, um palco – praticável, concreto – em que qualquer trama humana está envolta nas malhas de diferentes espaços relacionais: social, político, econômico, cultural, enfim. Para melhor estabelecer os termos da relação Geografia-Literatura partindo desse valioso subsídio, acho que toda a urdidura complexa da ação romanesca – a trama – proposta pelo escritor, malgrado este dinamismo, pode vir a ser projetada nas malhas de uma estrutura espacial, figurativamente estática – o mapa – percebida pelo geógrafo.

O caminho adotado por Monteiro (2002) nesta afirmação para estabelecer a relação Geografia e Literatura discute o espaço presente no romance e outros elementos da narrativa igualmente valorizados, como foco narrativo, tempo, discurso, entendendo-os como inseparáveis do espaço do desenvolvimento do enredo e da construção dos sentidos.

As palavras do geógrafo Antonio C. R. Moraes (2005) ilustram essa relação entre Geografia e Literatura, na dimensão do pensamento geográfico ao afirmar que

Por pensamento geográfico entende-se um conjunto de discursos a respeito do espaço que substantivam as concepções que uma dada sociedade, num momento determinado possui acerca do seu meio (desde o local até o planetário) e as relações com ele estabelecidas. Trata-se de um acervo histórico e socialmente produzido, uma fatia da substância da formação cultural de um povo. Nesse entendimento, os temas geográficos distribuem-se pelos vários quadrantes do universo da cultura. Eles imergem em diferentes textos discursivos, na imprensa, na literatura, no pensamento político, na estatística, na pesquisa científica etc. [...] os discursos geográficos, engatam-se com algumas problemáticas centrais postas na prática social no mundo. (MORAES, 2005, p. 32)

Para Moraes (2005), o discurso geográfico presente nas obras literárias apresenta o espaço de diferentes formas. Daí a necessidade do uso da Literatura

para a ampliação de uma leitura e para a compreensão dos espaços e dos lugares no texto de maneira que o romance seja tratado como um sujeito.

Ao analisar o espaço explorado na Literatura, Monteiro (2002) observou a condição de vida dos personagens, concluindo que a Literatura complementa a Geografia para a compreensão da realidade vivida pelo autor, uma vez que o romance é uma representação do real.

A experiência com o espaço geográfico leva o romancista a criar seu espaço imaginário, representado na narrativa romanesca com elementos da paisagem vivida. O espaço geográfico também é um espaço da experiência concreta do homem.

Visto que a Geografia e a Literatura encontram-se num campo de fronteira, afirma Dardel (apud BROSSEAU, 2007, p. 38): “Alcançamos uma fronteira que a ciência do laboratório nos proibirá de atravessar, mas que ultrapassaremos, em direção ao mundo irreal onde uma geografia permanecesse subjacente”.

Portanto, são muito variadas as maneiras como a Geografia aborda a Literatura, usando o romance como recurso no âmbito de uma reflexão geográfica sobre os lugares. A especificidade desse modo de expressão em relação às Ciências Humanas deve ser assumida se buscamos compreender melhor aquilo que o romance pode nos ensinar de novo ou de diferente sobre a escritura dos lugares.

3.3 Literatura, Geografia e ensino

A questão estará em saber se a literatura é ainda pertinente no nosso tempo. A mim parece-me que sim. Que a literatura é meditação é uma proposta de pensar melhor, ir mais adiante e, como tal, interessa proteger. Daí a questão sempre presente de saber como divulgar, como seduzir os não leitores para a magnitude do gesto da leitura.
(PERGUNTAS..., 2015)

Atualmente, existe uma cobrança na escola no sentido de que o processo ensino-aprendizagem se torne mais atraente, estimulante, participativo e, assim, mais democrático. Para que esse processo que vem sendo construído na escola seja consolidado, a socialização de experiências inovadoras, a motivação, a adoção de recursos didáticos estimulantes e criativos que envolvam os alunos na construção do conhecimento são desafios e estratégias postos aos professores.

De acordo com Nídia Pontuschka (2007), a grande questão para o ensino de Geografia é dar significados a um conhecimento que o aluno ou o professor já possuem e a interação de diversos saberes é essencial para a aprendizagem significativa, para a produção de um novo saber.

Nessa perspectiva, os conteúdos geográficos presentes nos textos literários podem servir de recurso didático na contextualização geográfica nas aulas, como forma de identificar as características sociais, econômicas, naturais, culturais dos espaços.

Os conhecimentos que a relação entre Geografia e Literatura podem produzir estabelecem os espaços como cenários para a vida cotidiana das pessoas. Essa relação de espaço e literatura pode funcionar como uma fonte de identidade geográfica, bem como favorecer um sentido de orgulho pelo espaço e um sentimento de ligação com ele.

A Geografia caracteriza-se por ser uma ciência que tradicionalmente responde pela categoria do “onde”: é a ideia de que a geografia escolar tem de ensinar os lugares do mundo, ou seja, para a Geografia é o espaço que interessa. Atualmente há também o entendimento de que a essa disciplina compete analisar a sociedade e o mundo a partir da dimensão do espaço.

O espaço é visto ao mesmo tempo como palco, delimitador e definidor de situações; diante disso, é fundamental compreender como se concretizam no espaço os fenômenos produzidos pela sociedade. Diante da complexidade dos espaços, não é possível fazer uma descrição linear, pois as subjetividades permitem outras interpretações, que a Literatura permite fazer.

Aproximações entre Literatura e Geografia no processo ensino-aprendizagem seriam uma forma de identificar a consciência da relação entre homem e espaço. A Literatura tem em sua finalidade a representação de uma sociedade; ela é reflexo das interações reais dos homens com o espaço, e a Geografia situa-se no âmbito das realizações do homem.

Tanto a Literatura quando a Geografia são leituras do mundo e na escola a leitura da realidade geográfica seria capaz de mobilizar o aluno para as transformações individuais e coletivas e para a ampliação dos horizontes da vida.

Nessa busca por pensar o espaço enquanto totalidade, de estabelecer uma unidade na diversidade e de abrir outras possibilidades mediante a visão de conjunto, a Geografia pode ter buscado romper com a visão fragmentada e descontextualizada do mundo, como aponta Morin (2003, p. 28):

O desenvolvimento das ciências da Terra e da Ecologia revitalizam a Geografia, ciência complexa por princípio, uma vez que abrange a física terrestre, a biosfera e as implantações humanas. Marginalizada pelas disciplinas vitoriosas, privada do pensamento organizador – que vai além do possibilismo de Vidal de La Blache, ou do determinismo de Ratzell –, a Geografia, que, de resto, forneceu profissionais à Ecologia, reencontra suas perspectivas multidimensionais, complexas e globalizantes. Desenvolve seus pseudópodes geopolíticos e reassume sua vocação originária: como diz Jean-Pierre Allix, “somos necessariamente generalizadores”. A Geografia amplia-se em Ciência da Terra dos homens.

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais, a Geografia tem buscado um trabalho interdisciplinar, usando outras fontes de informação, como apresentado aqui pelo uso da Literatura, provocando o interesse e a curiosidade sobre a leitura do espaço. Portanto, é possível aproximar Geografia da Literatura. A este respeito, Marandola Júnior (2010, p. 1) explica que:

[...] a capacidade de produzir arte faz parte daquilo que torna o homem único. A ciência moderna, no entanto, tratou de dissociar arte de pensamento e, com isso, ciência de arte. A Geografia, enquanto ciência moderna respeitou essa separação, embora em certos momentos tenha se utilizado de descrições artísticas como ilustração para seus trabalhos, em especial as literárias. Nas reestruturações epistemológicas contemporâneas, no entanto, reconduzir a Geografia para seu encontro com a Arte é tanto necessário quanto imprescindível para seu desenvolvimento. Isso não ocorre apenas pela incorporação da arte como documento, mas sobretudo como símbolo e marca de um espaço-tempo cultural.

Conforme dito antes, a Geografia vem-se utilizando de diferentes recursos na tentativa de aproximar dos alunos o currículo e os conteúdos e, assim, fazer com que aqueles se sintam inseridos na produção e organização do espaço geográfico. É nessa tentativa que a Literatura apresenta um lugar especial.

Nesse sentido, é possível aprender Geografia a partir da leitura de obras literárias. O espaço geográfico, nessa integração, estreita a fragmentação entre as disciplinas e propicia uma melhor compreensão da realidade. Como afirmam Rita de Cássia Santos e Rita Chiapetti (2011, p. 11):

As obras literárias são fontes de saber geográfico e podem ser utilizadas como recurso metodológico para interpretação da realidade que é carregada de ideias e valores sociais criados de acordo com a produção histórica de cada momento e sociedade.

A escola impõe um modelo de pensamento que fragmenta e segmenta o conhecimento. Nessa estrutura curricular tradicional que se divide em disciplinas, Morin observa o risco representado pelo conhecimento compartimentado, a divisão do currículo em disciplinas estanques. Assim, explica:

As crianças aprendem a história, a geografia, a química e a física dentro de categorias isoladas, sem saber, ao mesmo tempo, que a história sempre se situa dentro de espaços geográficos e que cada paisagem geográfica é fruto de história terrestre; sem saber que a química e a microfísica têm o mesmo objeto, porém, em escalas diferentes. As crianças aprendem a conhecer os objetos isolando-os, quando seria preciso, também, recolocá-los em seu meio ambiente para melhor conhecê-los, sabendo que todo ser vivo só pode ser conhecido na sua relação com o meio que o cerca, onde vai buscar energia e organização. (MORIN, apud PETRAGLIA, 2008, p. 68-69)

No ensino de Geografia, o uso da Literatura possibilita ao aluno uma reflexão acerca da realidade.

Trata-se de pensar globalmente vendo as relações que estão nas coisas, na realidade, nos acontecimentos e vendo, ao mesmo tempo, nos vários saberes, os pontos de intersecção que nos ajudam na compreensão mais alargada da complexidade do real, nos termos em que Morin entende complexidade: aquilo que é construído junto nos seus laços, nas suas ligações, na sua tessitura. (SILVA; RAMOS; CAMURÇA, 2014, p. 5)

Diante disso, Morin (2003) recusa o olhar do professor e do aluno que não se interessam em religar as disciplinas. Para ele, é preciso "ecologizar" as disciplinas,

[...] levar em conta tudo que lhes é contextual, inclusive as condições culturais e sociais, ou seja, ver em que meio elas nascem, levantam problemas, ficam esclerosadas e transformam-se. [...] É preciso que uma disciplina seja, ao mesmo tempo, aberta e fechada. (MORIN, 2003, p.115)

O trabalho com a Geografia e a Literatura permite desenvolver a criticidade e a reflexão sobre a realidade estudada e proporciona uma leitura do espaço geográfico a partir de um contexto histórico que situa o aluno em dado momento da produção da vida em sociedade.

O uso da Literatura é de extrema importância para o processo de ensino e aprendizagem da Geografia e diferentes práticas pedagógicas contribuem para que o aluno compreenda o espaço melhor e de forma mais atrativa. De acordo com Igor Silva e Túlio Barbosa (2013, p. 83):

A utilização da literatura na formação pedagógica geográfica é de grande importância e relevância, uma vez que permite a compreensão da espacialidade como totalidade a partir do entendimento dos valores sociais e da instrumentalização crítica à organização social, política, econômica e cultural.

Pensar no saber geográfico de forma interligada com outros saberes, como a Literatura, promove uma ruptura com o saber descritivo e traz como possibilidade um aprendizado significativo do espaço geográfico.

4 Geografias em *Morte e vida severina*: conhecendo o Sertão Nordestino por meio da Literatura

Desvendar a órbita
as estações de chuva
e os sertões da alma!
(ANITELLI, 2014)

Ler *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto, é ver o Rio Capibaribe, o sertão e o Recife da poética e do verso emergirem representações do espaço marcado profundamente em seus aspectos geográficos, com sua fauna, flora, clima e hidrografia, bem como nos costumes de seu povo, em seu sistema social e econômico.

4.1 O poeta João Cabral de Melo Neto

João Cabral de Melo Neto nasceu em 9 de janeiro de 1920 na cidade do Recife. Viveu inicialmente no engenho do Poço de Aleixo, em São Lourenço da Mata (às margens do Rio Capibaribe); depois, mudou-se para os engenhos Pascoval e Dois Irmãos, ambos no município de Moreno.

Seu pai foi perseguido durante a Revolução de 30 e teve o engenho destruído, com isso a família mudou-se para Recife. Desde muito cedo, João Cabral adorava leitura; lia romances, cordéis, ensaios, livros didáticos, qualquer coisa. No entanto, apesar de gostar de leitura ele detestava poesia, porque a considerava sentimental.

Após deixar o colégio, João Cabral passou a se interessar por poesia. Os poemas “Não sei dançar”, de Manuel Bandeira, e “Noturno de Belo Horizonte”, de Mário de Andrade tornaram-se uma revelação para ele, porque o fizeram perceber a possibilidade de ser poeta sem ser romântico. “Essa descoberta fundamental pode ser resumida em uma frase: é possível ser poeta sem escrever poesia.” (CASTELLO, 2006, p. 39). João Cabral nutria o desejo de tornar-se crítico literário.

Mas consciente de que lhe falta bagagem para exercer a crítica, resolve se preparar para a profissão escrevendo poesia. A poesia lhe surge, portanto, como um paliativo. Essa escolha, em que a poesia é o caminho e a crítica o destino, é significativa. Cabral vê a poesia, a princípio, como um rascunho da crítica. Com o tempo, porém, descobre que prefere a poesia à crítica. E mais: que a poesia pode ser a melhor forma para o exercício da crítica literária. (CASTELLO, 2006, p. 44)

Aos 17 anos escreveu seu primeiro poema, chamado “Sugestões de Pirandelo”, uma crítica que inicialmente seria uma prosa, mas que decidiu fazer em versos. Para ele, poesia e crítica podiam ser uma coisa só. Em 1938, conheceu o escritor Willy Lewin. Este encontro seria fundamental na formação intelectual de João Cabral, pelo acesso que ele teve à biblioteca pessoal de Lewin, onde encontrou textos de poetas surrealistas, cubistas e da moderna poesia francesa, os quais serviriam de base para sua escrita poética. Entre tais poetas, podemos citar Paul Valéry, que dizia: “[...] é preferível escrever um romance medíocre em plena consciência que uma obra genial por inspiração” (CASTELLO, 2006, p. 48); assim, João Cabral passou a buscar uma poesia guiada pela razão.

Também entrou em contato com as obras de Carlos Drummond de Andrade, com o livro *Brejo de almas*, descobrindo que é possível realizar poesia sem a necessidade da oratória. Assim, ele decidiu tornar-se poeta.

Em 1940 conhece Carlos Drummond de Andrade e Murilo Mendes, no consultório do médico e poeta Jorge de Lima. Em 1941, participou do Congresso de Poesia do Recife com a tese *Considerações sobre o poeta dormindo*. Em 1942 conheceu Vinícius de Moraes, e entre eles nasce uma amizade que permanecerá até a morte de Vinícius, em 1980. “Vinícius serve, a Cabral, como uma espécie de antídoto. Doce veneno, que é preciso saber degustar para se fortalecer.” (CASTELLO, 2006, p. 48)

Ainda naquele ano ele lançou seu livro *Pedra de sono*, que recebeu crítica de Antonio Candido, tornando-se esse um momento decisivo em sua carreira. Candido chamou a atenção para os traços cubistas em uma poesia que aparentava ser surrealista. “[A] crítica de Antonio Candido foi para mim uma revelação. Foi ela que me deu coragem de continuar escrevendo no início da minha carreira.” (MELO NETO, 1994, p. 24)

Em 1943 ingressou no Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), no cargo de assistente de seleção. Posteriormente, prestou concurso para a carreira diplomática, sendo nomeado em 1945, ano em que também lançou o livro *O engenheiro*. No ano seguinte, casou-se com Stella Maria Barbosa de Oliveira e em 1947 deixou o Brasil pela primeira vez, para ser nomeado vice-cônsul brasileiro em Barcelona.

Somente depois de viver em 12 cidades diferentes, como Londres, Brasília, Sevilha, Marselha, Madri, Genebra, Berna, Assunção, Dacar, Quito, Tegucigalpa e Cidade do Porto, em 1987 retornou ao Brasil, vivendo no Rio de Janeiro até 1999, ano de sua morte.

Apesar de ter vivido grande parte da sua vida longe de Recife, João Cabral carregou consigo seu local de nascimento. Sua poesia foi feita fora de Recife, mas a cidade esteve sempre presente em sua poética. Sua poesia não se constitui apenas de memórias e saudades, mas de um pensar sobre a realidade do Nordeste e os laços do homem com o espaço, como abordaremos a seguir, no estudo realizado sobre a obra *Morte e vida severina*.

4.2 Caminhos do sertão em *Morte e vida severina*

Morte e vida severina foi escrito entre 1954 e 1955, encomendado por Maria Clara Machado, que solicitou um auto de natal a João Cabral. O poema narra os caminhos de Severino retirante, que sai do sertão de Pernambuco buscando a Zona da Mata³ de Recife. Esse trajeto de Severino é o mesmo do Rio Capibaribe, passando por todos os espaços do Nordeste: Agreste, Sertão e Zona da Mata. Neste poema, podemos encontrar uma abordagem geográfica sobre o Nordeste.

Janaína Marandola (2007) analisa os caminhos de morte e de vida do rio e de Severino. A autora observa que, em sua travessia, Severino percebe as paisagens ao longo de Pernambuco:

³ Assim chamada porque há tempos atrás era coberta pela Mata Atlântica. Essa saída é uma fuga da região árida do Nordeste

[...] o caminho de Severino é do interior para o litoral, para a capital. Como diz João Cabral, Recife é o depositário de toda a migração do Nordeste. É para lá que todos os severinos buscam fugir da morte. E o leitor encontra este Severino saindo do sertão, iniciando seu caminho em direção ao Recife, tentando, por cada lugar que passa, ficar, trabalhar, viver. Mas como já foi dito, todo o caminho é de morte, e ele segue seu curso, acompanhando o Capibaribe, até sua foz: o encontro com o oceano em Recife. (MARANDOLA, 2007, p. 83)

Outro autor que pesquisou a obra foi José Roberto A. de Godoy (2009), segundo o qual, nessa obra, “Cabral irá operar um processo em que a palavra, a partir de seu teor original, passa a exprimir outros significados” (GODOY, 2009, p. 61). Ele afirma que a obra aborda a geografia do rio Capibaribe e do caminho realizado por Severino ao longo das cidades pernambucanas.

João Cabral faz de sua poesia uma geografia: quando a estudamos, percebemos as características físicas do Rio Capibaribe, do Recife, do Sertão e das demais zonas geográficas nordestinas. E ainda retrata, pela subjetividade, o espaço do homem e sua luta pela vida, transformando sua literatura numa importante forma de conhecimento para o estudo da Geografia, pois traz atividades reais do espaço.

O poema está dividido em 18 trechos, ao longo dos quais Severino descreve as várias cidades por que passa, demonstrando a longa jornada da nascente do Rio Capibaribe até seu encontro com o oceano e a chegada em Recife. No texto, Severino é substantivo próprio e comum, pois representa não apenas um sujeito e um personagem, mas toda a sociedade miserável que busca melhores condições de vida na Zona da Mata.

O nome Severino torna-se, ainda, adjetivo quando qualifica a existência de um povo que sofre as consequências da seca e busca a cada dia sobreviver, o que no texto é chamado de “vida severina”. Severino tem personalidade forte, assim como os retirantes que migram em busca de melhores condições de vida e partem para Recife. Segundo Marly de Oliveira (1994, p. 18):

Morte e vida severina é uma homenagem às várias leituras ibéricas: os monólogos do retirante têm em comum com o romanceiro ibérico o uso do heptassílabo e a assonância; a cena do Irmão das Almas homenageia o romance catalão do conde Arnaud; a cena do velório é pernambucana; a da mulher na janela é um poema narrativo em português arcaico, incorporado ao folclore pernambucano. A cena dos coveiros é, curiosamente, escrita em verso livre, quem sabe com intenção de continuar a levar adiante uma conquista modernista. O diálogo do retirante com Mestre Carpina segue os processos da

tenção galega; o resto é “romance” castelhano. O nascimento de Cristo se tornou um fato realista; a cena dos presentes, como outras, tem relação com os autos pernambucanos do século passado. As ciganas estão nos autos antigos, prevendo o futuro nascimento da criança. Estão em Pereira da Costa, na obra sobre o folclore pernambucano.

A análise feita por Oliveira (1994) mostra que o poema revela questões sociais vividas pela população do Nordeste, denunciando as mazelas do povo pernambucano. *Morte e vida severina* foi escrito por meio de metáforas que identificam e reproduzem essas questões sociais das pessoas oprimidas socialmente.

4.3 Ensinando o sertão com João Cabral de Melo Neto

No ensino de Geografia, podemos trabalhar com diversos textos, entre eles os da literatura clássica, como é o caso da obra *Morte e vida severina*, como forma de interagir com diferentes espacialidades do Nordeste brasileiro.

Queremos tratar neste item outra possibilidade de linguagem para o ensino de Geografia, segundo sua abordagem em obras literárias, e sobre como pode ser desenvolvido o conteúdo para ampliar a leitura do mundo.

O que se busca aqui, além de mostrar a importância do estudo geográfico na escola tendo como base a literatura, é assinalar que, como objeto de estudo, o poema de João Cabral de Melo Neto, assim como toda sua poética, aproxima relações entre ciência e arte e pode ser utilizado nas aulas de Geografia para ensino fundamental II e ensino médio, ao se trabalhar o conteúdo Região Nordeste.

A obra escolhida faz um desenho do Sertão Nordestino, trazendo a seca, a caatinga, a monocultura, o latifúndio, e ainda aborda as relações sociais advindas da força do sertanejo e do Rio Capibaribe; a descida do rio e do homem em busca de melhores condições de vida provoca questionamentos, porque a cada passo formam-se novos espaços.

Nessa obra, João Cabral faz uma descrição da jornada de Severino, que sai do interior do Sertão brasileiro, passando pelo Agreste, até chegar à Zona da Mata. Nesse trajeto, depara com os mais variados espaços geográficos, denunciando a grilagem e o abuso dos latifundiários na tomada de terras daqueles pequenos proprietários.

Fernanda Rodrigues Galve (2006) trata das memórias poéticas de João Cabral de Melo Neto. De acordo com a autora, o Rio Capibaribe realiza todo seu percurso como se fosse um preparo para uma batalha contra o oceano. O rio barra o oceano que tenta destruir o mangue e nessa luta é humanizado, pois suas águas se tornam como sangue do homem. O rio traça seu trajeto no espaço geográfico, fundindo-se com as pessoas em cada passagem do texto.

Janaína Marandola (2007) faz uma análise dos caminhos que Severino percorre e do Rio Capibaribe. A autora escreve que, em seu trajeto, o protagonista percebe todos os espaços geográficos oferecidos pelo rico Nordeste, dizendo:

[...] o caminho de Severino é do interior para o litoral, para a capital. Como diz João Cabral, Recife é o depositário de toda a migração do Nordeste. É para lá que todos os severinos buscam fugir da morte. E o leitor encontra este Severino saindo do sertão, iniciando seu caminho em direção ao Recife, tentando, por cada lugar que passa, ficar, trabalhar, viver. Mas como já foi dito, todo o caminho é de morte, e ele segue seu curso, acompanhando o Capibaribe, até sua foz: o encontro com o oceano em Recife. (MARANDOLA, 2007, p. 83)

A autora aponta a fuga da morte com a busca pela vida, na medida em que, por todos os espaços pelos quais passa, o protagonista tenta trabalhar, estendendo, assim, seu deslocamento e sua travessia. A água torna-se elemento central na poética, tanto em sua ausência quanto em sua presença. Nesses aspectos, Severino percebe o antagonismo dos espaços por onde passa: vida/morte; seca/água; pobreza/riqueza, que, apesar de contrários, tornam-se complementares durante a obra.

Para Edgar Morin, a luta contínua entre vida e morte ocorre na natureza e na história e vida dos seres humanos. Como diz a frase de Heráclito: “Viver de morte, morrer de vida”: alimentamo-nos da morte de animais e plantas para viver, ou seja, toda vida se alimenta de outra vida. Podemos dar outro sentido para essa frase: o organismo humano vive da morte e regeneração das células, que são substituídas por mais jovens; e Severino busca o Recife para fugir do ciclo de vida e de morte severina:

[...] que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte,
de fome um pouco por dia
(MELO NETO, 1994, p.172)

Quando abordamos o espaço da obra *Morte e vida severina*, falamos de um ambiente altamente seco, com vegetação dura e espessa, e isso se expressa na personalidade do protagonista, que também é duro e seco, devido às condições da região e de sua vida. Junto a isso, uma estrada por onde o protagonista passa – que, na verdade, trata-se do curso do Rio Capibaribe – naquele momento seco, impacta Severino, como descrito no poema:

Pensei que seguindo o rio
eu jamais me perderia:
ele é o caminho mais certo,
de todos o melhor guia.
Mas como segui-lo agora
que interrompeu a descida?
Vejo que o Capibaribe,
como os rios lá de cima,
é tão pobre que nem sempre
pode cumprir sua sina
e no verão também corta,
com pernas que não caminham.
(MELO NETO, 2000, p. 51)

A percepção de Severino é mostrada no texto por intermédio de suas palavras, nas quais percebemos a vegetação nordestina, com árvores médias, espinhosas e secas. O protagonista retrata a caatinga e se aproxima do rio, cada vez mais dando a ele características humanas. Naquela localidade de onde parte a trajetória de Severino, é comum a escassez de água. Contudo, Severino e o Rio Capibaribe lutam em busca de sobrevivência. Nessa perspectiva, o rio e o homem buscam o mesmo objetivo durante o caminho traçado. Essa relação do homem com o rio é apontada por Lúcia Gratão (2002), que ressalta a existência de um imbricar entre rio e homem, que buscam o mesmo sentido: a vida.

A percepção do protagonista do poema é construída pela terra, pela água, pelo cheiro, por suas lembranças e todos os outros requisitos básicos para se identificar o espaço vivido por ele. Ozires Borges Filho (2009, p. 169) afirma:

[...] o ser humano se relaciona com o espaço circundante através de seus sentidos. Cada um deles estabelece uma relação de distância/proximidade com o espaço. Portanto, efeitos de sentidos importantes são manifestados nessa relação sensorialidade-espaço.

Sem mais esperança de sobrevivência no Sertão, Severino busca na Zona da Mata uma vida que lhe seja menos Severina. Nesse trajeto, passando pelo Agreste, apresenta-se a rigidez da terra a ser lavrada pelo sertanejo, quando um diálogo é

estabelecido com uma mulher para quem, no intuito de identificar-se como lavrador, ressalta sua capacidade de cultivar mesmo em solo seco e pedregoso. Nesse momento, percebemos que o conhecimento adquirido não pode ajudá-lo na lida com a terra, porque pouca terra existe para lavrar. Vale pela representação da diferença entre o que ele vê agora e o vivido no sertão.

- Muito bom dia senhora,
que nessa janela está.
Sabe dizer se é possível
algum trabalho encontrar?
- Trabalho aqui nunca falta
A quem sabe trabalhar
O que fazia o compadre
na sua terra de lá?
- Pois fui sempre lavrador,
lavrador de terra má.
Não há espécie de terra
que eu não possa cultivar.
- Isso aqui de nada adianta,
pouco existe o que lavrar
Mas diga-me, retirante,
que mais fazia por lá?
- Também lá na minha terra
de terra mesmo pouco há.
Mas até a calva da pedra
sinto-me capaz de arar.
(MELO NETO, 2000, p. 54)

Neste trecho, Severino busca uma nova vida, que lhe seja mais segura financeira e qualitativamente. Consegue trabalhar em terra árida e agora, então, seria bem mais fácil. Demonstra saber cultivar em qualquer tipo de terra.

Nas aulas de Geografia, podemos trabalhar a descrição do espaço no texto iniciado nas primeiras falas do personagem, ao identificar-se por ser um dentre muitos Severinos, filho de várias Marias e de tantos Zacarias. Podemos perceber geograficamente o local de origem de Severino, mapeando seu percurso até Recife.

– O meu nome é Severino,
não tenho outro de pia.
Como há muitos Severinos,
que é santo de romaria,
deram então de me chamar
Severino de Maria;
como há muitos Severinos
com mães chamadas Maria,
fiquei sendo o da Maria
do finado Zacarias.
Mas isso ainda diz pouco:

há muitos na freguesia,
 por causa de um coronel
 que se chamou Zacarias
 e que foi o mais antigo
 senhor desta sesmaria.
 Como então dizer quem fala
 ora a Vossas Senhorias?
 Vejamos: é o Severino
 da Maria do Zacarias,
 lá da serra da Costela,
 limites da Paraíba.
 (MELO NETO, 2000, p. 45)

Na segunda parte, ao deparar-se com um funeral, temos a delimitação do espaço geográfico nordestino caracterizado pela presença da caatinga e do clima semiárido: “– Onde a Caatinga é mais seca, irmão das almas, / onde uma terra que não dá / nem planta brava” (MELO NETO, 2000, p. 47). O espaço, a cada momento, representa o homem e retrata a dureza da vida.

Saindo desse espaço seco, Severino encontra o mangue em cujo espaço a vida impera, dando esperança de dias melhores. Severino e o Rio Capibaribe buscam uma vida melhor fugindo da dureza do sertão. A sina do rio é chegar ao oceano e ele sabe que, para isso, precisa cavar seu leito, traçar seu caminho, para cumprir seu destino até a foz.

Assim como o rio, Severino caminha em direção ao litoral em busca de um pouco de vida, mais úmida, sem seca. Por isso, a esperança caminha junto com o rio e o homem, fazendo acreditar em dias melhores. Os dois representam a natureza dura do sertanejo, sozinho em sua grande busca.

João Cabral de Melo Neto nos ensina sobre o espaço geográfico da Região Nordeste que, de um lado, apresenta o Agreste do algodão, da mamona, do abacaxi, da mandioca, entre as cercas; e de outro, onde começa a Zona da Mata, o canavial. O espaço rural do Agreste é diferente:

Porém se a flora varia
 segundo o lado que se espia,
 uma espécie há, sempre a mesma,
 de qualquer lado que esteja.
 É uma espécie bem estranha:
 tem algo de aparência humana,
 mas seu torpor de vegetal
 é mais da história natural.
 (MELO NETO, 1994, p. 161-162)

Entre a Zona da Mata e o Agreste, o espaço muda, a vegetação é diferente, só Severino não muda. Severino é a representação de um povo, ele é plural:

Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que a custo é que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas,
e iguais também porque o sangue
que usamos tem pouca tinta.
E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte,
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida).
Somos muitos Severinos
iguais em tudo e na sina:
a de abrandar estas pedras
suando-se muito em cima,
a de tentar despertar
terra sempre mais extinta,
a de querer arrancar
algum roçado da cinza.
Mas, para que me conheçam
melhor Vossas Senhorias
e melhor possam seguir
a história de minha vida,
passo a ser o Severino
que em vossa presença emigra.
(MELO NETO, 2000, p. 29-30)

Severino é representante de uma história complexa que se passa no cenário da geografia da fome. Trabalhar o texto de João Cabral para abordar este fato com alunos traz uma descrição da vivência de um povo que pode ir além do material didático, porque apresenta o depoimento de um personagem representante de toda uma população.

Quando estudamos as condições sociais dessa área, presenciamos um contraste marcante com as aparentes possibilidades geográficas que o espaço oferece para a produção de alimentos, permitindo abordar com os alunos as condições climáticas que dificultam a produção agrícola, bem como o solo e o

relevo, que também influenciam. Josué de Castro (1965), na obra *Geografia da fome*, depois de estudar o solo, clima, vegetação, hidrografia e o regime de chuvas da Região Nordeste, completa:

Tudo brotava com tamanho ímpeto e produzia com tanta exuberância nessas manchas de terra gorda do Nordeste que não se pode acusar de descabido exagero a famosa frase do verboso escritor Pero Vaz de Caminha — de que “a terra é em tal maneira dadivosa que em se querendo aproveitar dar-se-á nela tudo”. Infelizmente não se quis... Não o quis o colonizador português. De nada valeram as grandes possibilidades naturais que foram malbaratadas e inteiramente desaproveitadas em sua capacidade de fornecer alimentos às populações regionais. (CASTRO, 1965, p. 40)

Nessa perspectiva apontada por Josué de Castro, João Cabral nos lembra de que o fenômeno da fome num cenário possível de fartura ganha dramaticidade quando se transforma na tristeza de Severino. A abordagem de Castro tem afinidades com o cenário apontado por João Cabral sobre a história da economia canavieira no Nordeste que, como todo latifúndio monocultor, devora tudo à sua volta.

Já afirmou alguém, com razão, que a exploração da cana-de-açúcar se processa num regime de autofagia: a cana devorando tudo em torno de si, engolindo terras e mais terras, consumindo o humo do solo, aniquilando as pequenas culturas indefesas e o próprio capital humano, do qual sua cultura tira toda a vida. E é a pura verdade. A história da economia canavieira no Nordeste, como em outras zonas de monocultura da cana, tem sido sempre uma demonstração categórica desta capacidade que tem a cana de dar muito no princípio para devorar depois quase tudo, autofagicamente. (CASTRO, 1965, p. 97)

João Cabral apresenta o mesmo cenário no trecho a seguir:

Vira usinas comer
as terras que iam encontrando;
com grandes canaviais
todas as várzeas ocupando.
O canavial é a boca
com que primeiro vão devorando
matas e capoeiras,
pastos e cercados;
com que devoram a terra
onde um homem plantou seu roçado;
depois os poucos metros
onde ele plantou sua casa;
depois o pouco espaço
de que precisa um homem sentado;
depois os sete palmos
onde ele vai ser enterrado.

Muitos engenhos mortos
 haviam passado no meu caminho.
 De porteira fechada,
 quase todos foram engolidos.
 Muitos com suas serras,
 todos eles com seus rios,
 rios de nome igual
 como crias de casa, ou filhos.
 Antes foram engenhos,
 poucos agora são usinas.
 Antes foram engenhos,
 agora são imensos partidos.
 Antes foram engenhos
 com suas caldeiras vivas;
 agora são informes
 partidos que nada identifica.
 (MELO NETO, 2000, p. 131)

Nas análises cabralinas, encontramos trechos que tratam do espaço geográfico do Sertão, do Agreste e da Zona da Mata para trabalhar nas aulas de Geografia com alunos de 7º ano do ensino fundamental II. A escolha desses trechos pode ir desde a descrição de aspectos naturais até os aspectos sociais que envolvem o espaço. Segundo Alfredo Bosi (1994, p. 471), “o convívio com a meseta castelhana ‘dos homens de pão escasso’ e com a poesia ibérica medieval, a um tempo severa e pitoresca, acentuou em Cabral a tendência de apertar em versos breves e numa sintaxe incisiva o horizonte da vivência nordestina”.

Seus poemas carregam a realidade nordestina, retratam pontos marcantes do viver nordestino. Maria Isaura R. Pinto (2003, p. 6) acrescenta:

Apesar de a escritura de João Cabral de Melo Neto caminhar em direção a um enfoque universal, as estórias são tecidas com material regional e folclórico. Como se pode ver, *Morte e vida severina* exhibe na base de sua construção uma dose de oralidade e uma perspectiva teatral que foram buscadas na tradição do folclore pernambucano.

O poema *Morte e vida severina* permeia a cultura popular brasileira, assim como o adjetivo “Severino, que tornou-se sinônimo de retirante, representando a imagem do nordeste pobre” (MARANDOLA, 2007, p. 65), de todos os outros Severinos que descem do Sertão para a Zona da Mata, retrata a cultura e as mazelas sociais enfrentadas por todos. No entanto, “[...] o falar pelo povo do Nordeste é extremamente importante na obra de Cabral, como o provam seus textos que tematizam a miséria nordestina, sobretudo *Morte e vida severina*” (ROCHA, 2011, p. 250).

Para o melhor entendimento do espaço geográfico em *Morte e vida severina* e a classificação de todos os elementos constituintes, representados por clima, relevo, vegetação, hidrografia, usaremos como base a relação homem e natureza, em que temos um espaço humanizado e modificado pelo homem. Exemplo disso é quando Severino chega a Recife, especificamente em um cais do Rio Capibaribe, e vê uma estrutura natural totalmente alterada pelo homem, porque o rio já não é o mesmo.

Como qualquer outra região, o Nordeste nasceu a partir da diversidade dos aspectos sociais e naturais, sendo composto por nove estados: Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Piauí, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe, com tamanhos e características diferentes. Ao trabalhar nas aulas de Geografia o domínio morfoclimático do Nordeste, observamos nos aspectos naturais dessa região uma diversidade climática, de vegetação, morfologia e hidrografia.

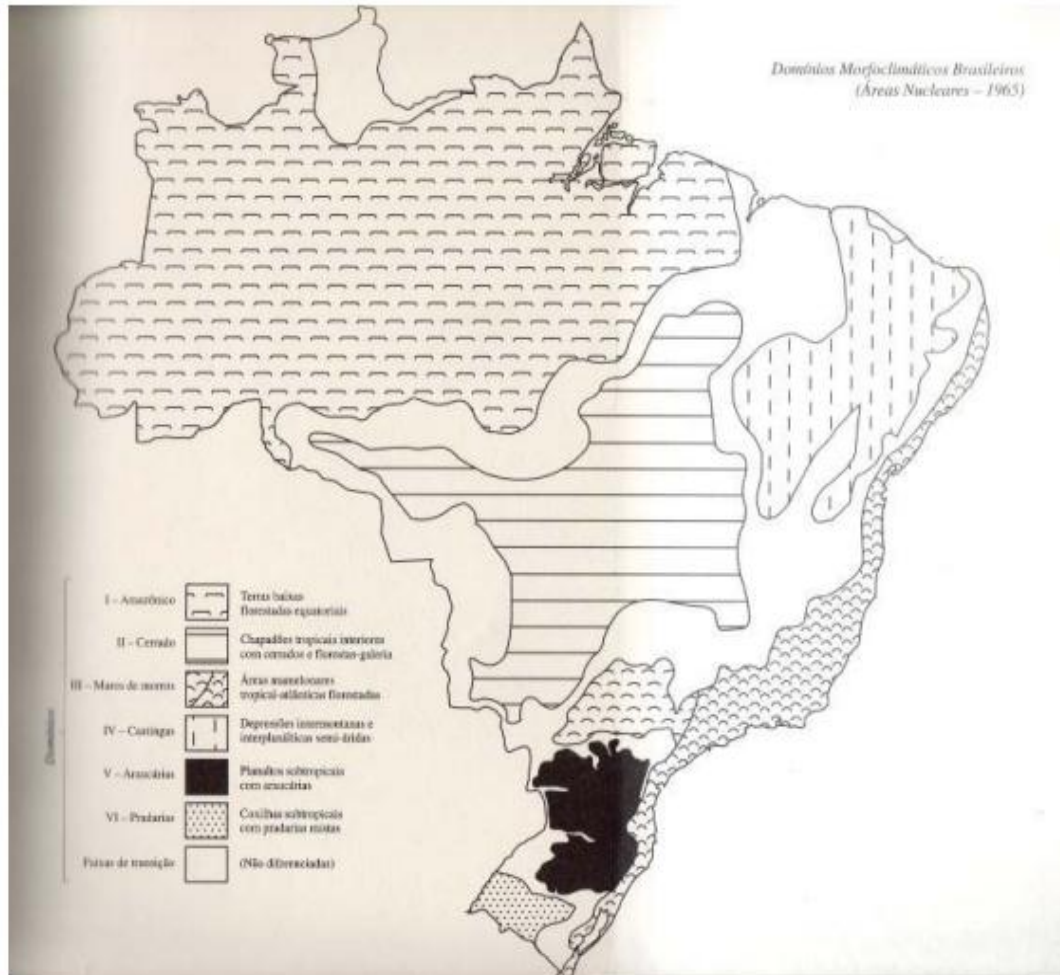
Os domínios morfoclimáticos são grandes conjuntos do espaço geográfico identificados pelo resultado das relações entre os elementos da paisagem, como relevo, clima, solo e vegetação. As características do clima e do relevo refletem diretamente nas características que os solos e as formações vegetais apresentam, sendo, portanto, aspectos do espaço intimamente relacionados. O professor Aziz Ab'Saber é um geógrafo brasileiro que estabeleceu uma classificação para os diversos ambientes macroecológicos existentes no território brasileiro, denominados domínios morfoclimáticos.

Para Ab'Saber (2003), o domínio morfoclimático e fitogeográfico é um conjunto espacial de grande extensão, podendo variar entre milhares a milhões de quilômetros quadrados, e apresenta feições de relevo, tipos de solo, formas de vegetação e condições climato-hidrológicas que resultam em feições paisagísticas e ecológicas integradas. O estudo dos domínios morfoclimáticos está associado ao estudo das potencialidades regionais brasileiras e à complexa organização resultante de processos naturais e da ação humana.

A Região Nordeste corresponde ao domínio da Caatinga e compreende um espaço de domínio do clima semiárido, irregularidade sazonal das chuvas, colonizado pela formação vegetal da caatinga. O clima semiárido caracteriza-se pela escassez de chuvas durante um período longo de seca, que pode chegar a até sete meses. O total pluviométrico anual varia entre 400 e 800 mm e as temperaturas anuais são elevadas e relativamente constantes, entre 25 e 29° C.

O Mapa 3 apresenta os domínios morfoclimáticos brasileiros.

Mapa 3 – Domínios morfoclimáticos brasileiros (áreas nucleares – 1965)



Fonte: AB' SABER (2003, p. 17).

A vegetação da caatinga é caracterizada pela presença de vegetais de porte arbóreo, arbustivo e herbáceo que apresentam mecanismos morfológicos e fisiológicos adaptativos às condições de seca prolongada, como folhas pequenas e espinhos. Dentre as espécies típicas da vegetação de caatinga, podem-se citar a macambira, a jurema, o umbuzeiro e as cactáceas como o facheiro, o mandacaru e o xique-xique.

No domínio morfoclimático da caatinga, em razão das peculiaridades climáticas, a rede hidrográfica está caracterizada pelo predomínio de rios intermitentes e efêmeros. No período de seca prolongada, o lençol freático se aprofunda e deixa de alimentar os rios, tornando-os secos.

Historicamente, levando em conta essa condição climática do sertão, as secas prolongadas acompanharam a trajetória de pessoas que buscaram melhores condições de vida em outros espaços. Entre as cinco macrorregiões do Brasil, o Nordeste constitui-se como a que possui os mais fortes contrastes sociais, econômicos, naturais e culturais. Tais contradições marcam a vida da população nessa área; a estiagem pode ser considerada um dos fenômenos que acentuam os problemas sociais, elevando os índices de pobreza. No entanto, precisamos ressaltar que esses problemas sociais não decorrem unicamente das especificidades naturais da região; a questão reside na forma como a população é explorada pelos grupos dominantes, que monopolizam os recursos naturais, como as terras para cultivo, para pecuária, os reservatórios de água, entre outros.

Na obra *Morte e vida severina* evidencia-se historicamente o fenômeno das secas que marcaram a Região Nordeste, alterando as relações estabelecidas entre o sertão e o litoral, levando populações a buscarem alternativas para solucionar a fome, a sede, a doença, a morte e o desespero produzido pelos longos períodos de seca.

Nesse cenário, nos períodos da seca os sertanejos – assim como o protagonista de *Morte e vida severina* – deslocavam-se para litoral em busca de solo para o cultivo, alimento e reservatório de água. Fugindo das pressões sociais intensificadas pela seca, buscavam cidades grandes no litoral, pois no sertão os “Severinos” tinham de lutar contra as adversidades provocadas pelo clima, escassez de água e alimento, carência econômica e falta de sensibilidade política.

Por centrar a atenção no percurso e nos dramas vivenciados pelos retirantes em direção a outros espaços, a literatura regionalista constitui-se como importante fonte para o estudo dos processos migratórios decorrentes da região do Semiárido, como demonstrado por João Cabral na obra estudada, mas também por outros autores, como Graciliano Ramos, na obra *Vidas secas*.

Nesse aspecto físico e humano do espaço geográfico do Nordeste, abordamos, por meio de alguns trechos da obra, a relação entre homem e natureza, a fim de compreender o espaço. A natureza está no homem e o homem está na natureza.

A relação homem/natureza é determinada pela atividade material que o homem exerce sobre a natureza. O homem age como sujeito e também sofre como objeto de sua própria ação. Em *Morte e vida severina*, para o melhor entendimento do espaço e dessa relação, o autor classifica os elementos constituintes que Severino vê em toda estrutura natural alterada pela ação humana.

Um trecho da obra que pode ser usado para ilustrar essa relação é a chegada de Severino à capital, Recife, em um cais do Rio Capibaribe, onde ele vê uma área natural que sofre alterações por meio do trabalho humano. O poema descreve assim a cena:

Enxergo daqui a planura
 que é a vida do homem de ofício,
 bem mais sadia que os mangues,
 tenha embora precipícios.
 Não o vejo dentro dos mangues,
 vejo-o dentro de uma fábrica:
 se está negro não é lama,
 é graxa de sua máquina,
 coisa mais limpa que a lama
 do pescador de maré
 que vemos aqui vestido
 de lama da cara ao pé.
 (MELO NETO, 2000, p. 57-58)

Agora o mangue mistura-se às palafitas e ao cotidiano das pessoas, formando um só contexto do espaço geográfico, que antes era formado pela lama, pela fauna natural do mangue, como siris, caranguejos e outros elementos naturais e que, a partir da apropriação do espaço pelo homem, começa a se modificar para servir de moradia para a população nordestina. Nesse caso, o homem transforma a natureza, mas também é transformado por ela, tornando-se animal na lama negra. O mangue é o lar, onde está a fonte de alimento, e cemitério dos Severinos, retirantes vindos do sertão.

A geomorfologia do espaço geográfico do Nordeste também é descrita por João Cabral. O Rio Capibaribe e Severino descem a serra interiorana pelo estado de Pernambuco; a imagem da serra é descrita no poema, identificando o retrato de diferentes espaços.

Como então dizer quem fala
 ora a Vossas Senhorias?
 Vejamos: é o Severino
 da Maria do Zacarias,
 lá da serra da Costela,
 limites da Paraíba.
 Mas isso ainda diz pouco:
 se ao menos mais cinco havia
 com nome de Severino
 filhos de tantas Marias
 mulheres de outros tantos,
 já finados, Zacarias,
 vivendo na mesma serra
 magra e ossuda em que eu vivia.
 (MELO NETO, 2000, p. 45)

Severino fala da serra “ossuda” e seca do Sertão Nordestino para individualizar seu espaço de saída, e no estudo desse espaço podemos verificar uma hierarquia urbana que se caracteriza pela forma com que o homem usa a natureza para aquisição de material. Como aponta a geografia cultural, o espaço é o local onde cada ser humano, na relação com o outro, busca traçar afetividades, pelo respeito ou pelo temor.

Ao falar do aspecto climático deste espaço geográfico, João Cabral usa da estação seca para mencionar a relação tempo e espaço em que ocorrerá toda a jornada de Severino. Sua narrativa nos remete à seca, como neste trecho:

Somos muitos Severinos
iguais em tudo e na sina:
a de abrandar estas pedras
suando-se muito em cima,
a de tentar despertar
terra sempre mais extinta,
a de querer arrancar
algum roçado da cinza.
(MELO NETO, 2000, p. 29)

Severino desenha a seca nordestina em uma tela que se molda numa roça no meio das cinzas, sob o suor do lavrador trabalhando em solo seco; o tempo da travessia é a seca. Também nesse contexto da seca, João Cabral mostra a caatinga, vegetação típica dessa área adaptada a essa condição climática; com riqueza de detalhes, descreve as imagens das árvores e dos espinhos, representando o sentimento do protagonista. Vejamos uma imagem real mostrada por Severino no poema:

– E de onde que o estais trazendo,
irmãos das almas,
onde foi que começou
vossa jornada?
– Onde a Caatinga é mais seca,
irmão das almas,
onde uma terra que não dá
nem planta brava.
(MELO NETO, 2000, p. 47)

Essa imagem da caatinga reflete a dureza do sertanejo frente aos problemas cotidianos que precisam ser enfrentados. Severino continua narrando sua jornada, onde o homem se funde com o rio para completar o caminho, retratando o Nordeste brasileiro numa caminhada entre o sertão e o litoral. A realidade dura provocada

pelos aspectos naturais do espaço geográfico representa a voz dos retirantes, que se veem forçados a sair de sua terra natal por conta das condições precárias que encurtam a vida e abreviam a morte, buscando fugir da miséria e sonhando com uma condição de vida melhor:

O que me fez retirar
não foi a grande cobiça
o que apenas busquei
foi defender minha vida
de tal velhice que chega
antes de se inteirar trinta
se na serra vivi vinte,
se alcancei lá tal medida,
o que pensei, retirando,
foi estendê-la um pouco ainda.
(MELO NETO, 2000, p. 222).

Severino apresenta-nos a dura realidade do Sertão brasileiro, em que as secas conduziam o nordestino a migrar para não morrer de fome e de sede. A emigração de Severino é uma fuga da morte, ao mesmo tempo em que é plena na esperança de viver mais e melhor. Severino sai da morte para alcançar a vida.

A migração é o movimento de realocação de pessoas de uma região para outra, motivado principalmente por fatores econômicos e sociais, como a possibilidade de buscar maiores salários nas regiões urbano-industriais, fato que tem incentivado a migração do campo para a cidade desde a emergência da revolução industrial (BRITO, 2000).

João Cabral dá um significado especial ao espaço em sua obra, relacionando o sertanejo com o espaço vivido numa perspectiva realista: esse espaço é um mundo com pouco conforto, água e alimento, revelando os desejos e anseios por uma vida melhor no litoral.

Mas não senti diferença
entre o Agreste e o Sertão
e entre a Caatinga e a aqui a Mata
a diferença é a mais mínima.
(MELO NETO, 2000, p. 222).

A linguagem usada por João Cabral para determinar a relação do homem com o espaço expressa aspectos da realidade, criando o prosaico cotidiano sertanejo e denunciando a violência sofrida pelo homem, apresentada de várias formas, tanto natural quanto social. Essa violência causada pela pobreza, pelas

condições climáticas e pela falta de assistência faz com que Severino se depare com a morte a todo o momento. Para Tuan (2005, p. 223), “As pessoas da zona rural estão expostas tanto ao lado rude como suave da natureza. O rigor da natureza é raramente representado nos croquis geográficos das cenas campestres [...]”. Nessa perspectiva, Severino nos mostra a dimensão da interação humana com a natureza e seu papel na ordenação do espaço.

Nessa relação homem/natureza, os ecossistemas geográficos, desde a Caatinga até a Mata Atlântica, são compostos de uma estrutura natural e outra produzida pela ação humana no espaço geográfico. No poema também vemos o espaço natural e o espaço produzido pela ação antrópica, explicando como o homem modifica e é modificado pela natureza.

João Cabral descreve os canaviais, o rio, os coqueiros, a praia, os manguezais, entre outros elementos constituintes do espaço que vivenciou em Recife. Ele percebe a ação do homem no espaço geográfico pernambucano, mostrando aspectos importantes como a interação do homem com o meio e com a sociedade. Por exemplo, o rio é uma imagem importante na sua vida, por ter vivido anos em suas margens, percebendo as mudanças ao longo do tempo.

Esse rio, às vezes por um fio, demonstrando o estado miserável pelo qual o sertanejo e o Capibaribe passam no Sertão no período da seca, mas também revitalizando a esperança de vida. Tanto o rio como o homem, juntos, enfrentam a precariedade do sertão, descrito assim por João Cabral:

Os rios que eu encontro
vão seguindo comigo.
Rios são de água pouca,
em que a água sempre está por um fio.
Cortados no verão
que faz secar todos os rios.
Rios todos com nome
e que abraço como a amigos.
Uns com nome de gente,
outros com nome de bicho,
uns com nome de santo,
muitos só com apelido.
Mas todos como a gente
que por aqui tenho visto:
a gente cuja vida
se interrompe quando os rios.
(MELO NETO, 2000, p. 121)

O trecho acima transcrito remete à relação homem/natureza. João Cabral dá voz ao Rio Capibaribe e o humaniza: o próprio rio narrando o poema. Há na voz do rio uma preocupação com a questão social, que, além de mostrar o abandono do sertão, fala do empobrecimento do retirante e do cumprimento de sua sina. O rio funde-se ao espaço seco do Nordeste, transformando-se em Caatinga e identificando a estrada/rio com o homem nordestino, que enfrentar os percalços da vida. Como podemos ver no trecho abaixo:

Vejo agora: não é fácil
seguir essa ladainha
entre uma conta e outra conta,
entre uma e outra ave-maria,
há certas paragens brancas,
de planta e bicho vazias,
vazias até de donos,
e onde o pé se descaminha.
Não desejo emaranhar
o fio de minha linha
nem que se enrede no pêlo
hirsuto desta caatinga.
Pensei que seguindo o rio
eu jamais me perderia:
ele é o caminho mais certo,
de todos o melhor guia.
(MELO NETO, 2000, p. 176)

Nas palavras de João Cabral percebemos a descrição da imagem da Caatinga como um espaço ermo, com plantas espinhosas e secas, com ausência de fauna; essa árvore que ele pinta possui folhas pequenas, com raízes profundas significando a luta pela busca de vida. A seca é a marca principal do espaço geográfico, descrita por João Cabral como árida e sólida, remetendo aos rios intermitentes, às serras magras e ossudas por onde Severino passa. Severino identifica-se com a Caatinga: como sertanejo, ele é seco, resistente ao sol, esfolado pela seca que provoca a escassez de alimentos e água, além da falta de perspectiva.

A Caatinga é vegetação típica em vários estados, tais como Maranhão, Pernambuco, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas, Sergipe, Bahia e parte de Minas Gerais, como representa o mapa a seguir. Com uma flora adaptada ao clima seco, protege-se por sua natureza espinhosa, como mostra João Cabral (2000, p. 176) no trecho “nem que se enrede no pêlo hirsuto desta caatinga”.

Mapa 4 – Bioma da caatinga



Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (2004).

Severino descreve o espaço geográfico onde se localiza o rio, que apresenta aspecto das estradas arenosas características dessa área da Caatinga entre o Sertão e o Agreste, local da maior parte do trajeto do personagem central do poema. A vegetação seca mistura-se com a areia do rio, ou seja, o espaço do rio mistura-se com a vegetação, e o solo resulta em uma estrada arenosa na qual alguns animais alimentam-se do pouco pasto que surge da terra/água e das árvores de pequeno porte, que se confundem com o retirante.

O Rio Capibaribe, elemento integrante do espaço geográfico de Pernambuco, é considerado um dos mais importantes recursos hídricos do estado, por nele nascer, realizar seu trajeto e desaguar, correndo no sentido interior/litoral. De acordo com Marandola (2007), o rio é um dos elementos mais importantes do espaço geográfico pernambucano e muito valorizado até o século XX. As cidades eram construídas ao longo de seu curso, com os edifícios voltados para o rio, que servia de hidrovia para os habitantes.

O rio tem importante tarefa na vida de Severino: representa a fertilidade, com a irrigação da terra, e simboliza o poder da criação do espaço e do tempo. Trata-se de um elemento geográfico que reflete a sociedade, descrevendo a vegetação, a cidade e as pessoas que vivem ao longo do seu curso. “As paisagens pernambucanas desfilam pelo poema em uma aula de Geografia: o Sertão, os canaviais, a Zona da Mata, o Recife...” (MARANDOLA, 2007, p. 97)

A segunda parte do poema mostra o espaço geográfico e os aspectos urbanos de Recife, terra natal do poeta. Lana Cavalcanti (1999, p. 30) escreve: “A poesia de João Cabral de Melo Neto está impregnada por imagens dos canaviais da zona da mata, dos coqueiros, das águas, da pintura e da literatura de Pernambuco [...]”. Ao chegar em Recife, Severino, que almejava encontrar condições de vida melhores que as que ele tinha no sertão, percebe um outro espaço geográfico, como, por exemplo, a desigualdade social, visível na fala entre os coqueiros. O protagonista compreende que a todos aqueles como ele – retirante que chega à cidade – restam apenas os espaços da periferia, afastados de centro, mais precisamente onde se localizam os mangues.

– Eu também, antigamente,
fui do subúrbio dos indigentes,
e uma coisa notei
que jamais entenderei:
essa gente do Sertão
que desce para o litoral, sem razão,
fica vivendo no meio da lama,
comendo os siris que apanha
pois bem: quando sua morte chega,
temos que enterrá-los em terra seca.
(MELO NETO, 2000, p. 22)

O trecho acima retrata a realidade dos retirantes que, ao chegar aos grandes centros urbanos, ocupam as periferias; no caso de Recife, são as áreas de mangue: “os severinos de todo o Nordeste vivem na periferia de Recife” (MARANDOLA, 2007, p. 90). Em relação a essa grande dificuldade para encontrar espaços vazios que possam ser ocupados por esses retirantes vindos de diversas localidades do sertão, Vilanova Neta (2005, p. 2) escreve que “a população das camadas populares passa a habitar as áreas de mangue da cidade em habitações conhecidas como mocambos, que ao lado dos rios e pontes, passaram a marcar a paisagem urbana”. O mangue é habitado por retirantes que, fugindo da seca, aí se alojavam em busca de água e comida. Nas palavras do poeta:

– Minha pobreza tal é
que não trago presente grande:
trago para a mãe caranguejos
pescados por esses mangues
mamando leite de lama
conservará nosso sangue.
– Minha pobreza tal é
que coisa alguma posso ofertar:
somente o leite que tenho
para meu filho amamentar
aqui todos são irmãos,
de leite, de lama, de ar.
(MELO NETO, 2000, p. 236)

Severino trata o mangue como espaço ocupado pelos excluídos da sociedade. O mangue é de vital importância para esses excluídos, que retiram dele seu sustento. Para Severino, as pessoas misturam-se aos manguezais como se fossem extensão da lama. Josué de Castro (1957) aborda o mangue como uma grande mãe que gera vida e terra e seus filhos crescem em meio a uma força renovadora da lama, num ciclo de construção do homem e do mangue.

Este elemento do espaço geográfico ocorre do Amapá até Santa Catarina, com solo sem firmeza e lamacento, condições que dificultam o desenvolvimento da flora, porém as raízes se sustentam na umidade no mangue. A flora é rica em bromélias, orquídeas, águas marinhas; a fauna também é diversificada, com moluscos, peixes, aves e crustáceos (CASTRO, 1957).

Os caranguejos são os habitantes mais conhecidos do mangue; como observa Josué de Castro (1948, p. 19),

[...] cavam buracos, formando verdadeiros túneis, provocando a aeração da lama, facilitando a circulação da água e fornecendo proteção a outros animais. Quando cavam estes túneis os caranguejos promovem a renovação de nutrientes de camadas mais profundas da lama, permitindo a reutilização destes nutrientes por plantas e outros microrganismos.

Redesenhar o caminho feito por Severino com os alunos nas aulas de Geografia, buscando as características geográficas descritas por João Cabral de Melo Neto, e após 60 anos da publicação dessa obra, é uma forma de juntar a arte com a ciência no ensino. Resgatar o homem, o espaço geográfico, as transformações resultantes da ação antrópica ao longo dos anos, a imagem do rio seco que se repete no sertão, a destruição da caatinga para o avanço das atividades econômicas, o descaso com o rio, que serve de depósito para o lixo produzido, e a

ocupação dos canaviais ao longo de seu curso, como Severino constata ao longo de sua jornada.

Morte e vida severina completou 60 anos de publicação. Em documentário produzido pela Globonews (MORTE E VIDA SEVERINA..., 2015), jornalistas refazem o trajeto por Severino, mostrando como está o espaço geográfico hoje. Usar esse documentário para trabalhar junto com o livro nas aulas de Geografia leva à compreensão das transformações sofridas pela ação antrópica nesse espaço, comparando a descrição de João Cabral e a imagem atual.

Os jornalistas Gerson Camarotti e Cristina Aragão percorreram mais de 1,4 mil quilômetros em Pernambuco para refazer o caminho de Severino 60 anos depois que o poema foi escrito. O documentário possibilita, juntamente com a obra, trabalhar com os alunos a observação da realidade de tantos severinos e severinas.

Ao iniciar o trajeto pelo sertão, ponto de partida do Severino no livro, a jornalista Cristina Aragão coloca suas impressões; a partir deste relato podemos iniciar as comparações do espaço de quando João Cabral escreveu o poema e o de hoje.

O sertão era algo da imaginação, visto por mim só em imagens, sobretudo dos tempos de seca. Acredito que é assim para tantos brasileiros do Sudeste do Brasil. Portanto, fui movida pela força da expectativa para relatar a trajetória do Severino de João Cabral de Melo Neto, 60 anos depois de o poema ter sido escrito. Vi um sertão com uma força vital, transformado pela chegada das cisternas, caixas de armazenamento de água. Vi também mulheres sozinhas, à espera de seus maridos, migrantes temporários em outras terras do Brasil. Vi a vida e a poesia simbólica do Rio Capibaribe, orgulho pernambucano, gritando de poluição. Vi jovens acreditando que é pela educação que a corrente da miséria deve ser cortada. Vi a potência da cantoria do maracatu. Vi famílias ainda hoje vivendo em palafitas, ali, na cara do Recife. Vi que as palavras do poeta permanecem vivas, seja pela morte, seja pela vida severina. Tudo isso você também verá em nosso documentário.⁴

Durante o trajeto, os jornalistas entram em contato com a população de cada localidade, que complementa a compreensão daquele espaço com as impressões de quem nele vive. São vários relatos, como o do sr. Daniel Oliveira, que mostra que os rios da região, assim como o Capibaribe, estão poluídos e alguns até secos.

⁴ Disponível em: <<http://especial.g1.globo.com/globo-news/morte-e-vida-severina/>>. Acesso em: 5 mar. 2016.

Ele conta: “Quem vivia de pesca aqui, em Paudalho, tirava seu sustento daqui. Hoje não tem mais. Tá vendo aqueles animais ali? Tudo ali era o leite do rio⁵”.

Um dos momentos mais interessantes do documentário é a conversa com Débora Raquel, que com apenas 15 anos faz um relato emocionante, dizendo que a “água vitalícia” – citada pelo poeta no trecho abaixo – é seu lugar de tomar banho, porque não há banheiro em sua casa. O rio é totalmente poluído, mas mesmo assim muito importante, por ser o único recurso hídrico na região para atendê-la e à sua família.

Bem me diziam que a terra se faz branda e macia
quanto mais do litoral a viagem se aproxima
agora afinal cheguei nesta terra que diziam
como ela é uma terra doce para os pés e para vista
os rios que correm aqui têm a água vitalícia.
(MELO NETO, 2000, p. 58)

Usar o documentário como apoio para o trabalho do livro torna-se um recurso audiovisual que permite ao aluno compreender as transformações no espaço geográfico ao longo do tempo e, assim, construir a ideia de que o esse espaço não é algo estático porque, por meio da utilização dos recursos naturais, o ser humano o modifica de acordo com suas necessidades, demonstrando a relação homem e natureza no espaço geográfico.

Além desse documentário, existe outro recurso que pode ser utilizado nas aulas de Geografia para complementar o estudo da obra: a animação com a narração do poema produzida pela TV Escola (FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO, 2010), que possibilita analisar com os alunos a vida de retirantes como Severino. O espaço urbano começava a atrair maior parte de investimentos e o país aos poucos se tornava uma economia agroexportadora.

Com este poema, o professor na disciplina de Geografia aborda as péssimas condições de vida do Sertão Nordeste e a necessidade do retirante de buscar uma vida melhor na Zona da Mata, no caso, Recife, mostrando aos alunos que esses espaços geográficos mantêm estruturas agrárias tradicionais, representadas pelos latifúndios e pelo domínio do coronelismo.

⁵ Disponível em: <<http://especial.g1.globo.com/globo-news/morte-e-vida-severina/>>. Acesso em: 5 mar. 2016.

5 Considerações finais: as várias faces de uma vida severina

Em *Geografia da fome*, Josué de Castro (1965, p. 175) trata a fome como uma epidemia global: “São epidemias de fome global quantitativa e qualitativa, alcançando com incrível violência os limites extremos da desnutrição e da inanição aguda e atingindo indistintamente a todos”. Raquel de Queiroz, no livro *O Quinze*, explora a condição humana diante da impotência frente ao clima semiárido e à seca, que são acontecimentos naturais intensificados pela condição econômica e pela realidade social do sertanejo: “Agora, ao Chico Bento, como único recurso, só restava arribar. Sem legume, sem serviço, sem meios de nenhuma espécie, não havia de ficar morrendo de fome, enquanto a seca durasse” (QUEIROZ, 2004, p. 31).

As fotografias de Sebastião Salgado remetem-nos à realidade dos que vivem no sertão, assim como Portinari e Graciliano Ramos utilizam o sertão como cenário, com um ambiente totalmente austero, que faz as pessoas que vivem ali serem totalmente sofridas e esmagadas pela seca. “A seca aparecia-lhe como um fato necessário – e a obstinação da criança irritava-o. Certamente esse obstáculo miúdo não era culpado, mas dificultava a marcha, e o vaqueiro precisava chegar, não sabia onde.” (RAMOS, 2003, p. 10)

Todos eles mostram as várias faces de uma vida severina que vai para além do sertão, porque atualmente no mundo existem os refugiados, vidas com fome, a globalização da desgraça da vida. Essa vida severina pode ser dos imigrantes/refugiados que fogem dos problemas climáticos, da fome, das guerras, dos desastres naturais, que atravessam oceanos e fronteiras territoriais, assim como Severino, que atravessou o Capibaribe. A vida severina que João Cabral retratou em uma escala local, podemos hoje escrever na escala global.

Fritjof Capra (1994) resume, na rede a seguir, os problemas que existem no mundo, mostrando a complexa rede do planeta. A diminuição na produção de alimentos, que provoca fome e desnutrição e se relaciona com as perdas das áreas de cultivo, a alteração nos índices de precipitação, a diminuição na fertilidade e umidade do solo, causadas por alterações climáticas. São problemas retratados também na obra *Morte e vida severina*, que levam o protagonista a fugir da morte no Sertão e buscar a vida na Zona da Mata.

consequente falta de alimentos; e, para fugir dessa rede de problemas, a busca pela Zona da Mata.

Nessa viagem empreendida por Severino, observamos os aspectos físicos retratados pela vegetação, clima, hidrografia, relevo e solo do espaço geográfico nordestino. Ao analisar uma obra literária como essa, retirando dela as categorias geográficas, possibilitamos aos alunos uma visão diferente da clássica, pela percepção da imagem desse espaço geográfico.

No poema em estudo, apresentamos um recorte que revela a viagem de Severino. Esse trajeto trata da seca, do rio, da vegetação nativa e da entrada da monocultura no espaço geográfico, da desigualdade social e dos latifundiários que detêm o poder econômico e o controle das terras da região destacada pelo poeta.

Não se pode pensar essa rede de problemas abordados na obra analisada pela perspectiva de causa e efeito; não são apenas problemas que possuem uma causa e um efeito, mas, como observa Edgar Morin (2012), essa causalidade linear deve ser ultrapassada e devemos compreender a causalidade mútua inter-relacionada e recursiva. A seca pode causar diferentes efeitos no espaço geográfico, que dependem de outros fatores, como solo, hidrografia e a cultura daquela sociedade. O espaço geográfico “É um circuito gerador em que os produtos e os efeitos são, eles mesmos, produtores e causadores daquilo que os produz.” (MORIN, 2012, p. 95) Assim, os elementos integrantes desse espaço são, ao mesmo tempo, produtores e produtos, causadores e efeitos.

As perguntas da pesquisa foram: como a Literatura pode proporcionar o aprendizado do espaço geográfico? Como podemos trabalhar a obra *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto, no ensino de Geografia, a fim de proporcionar a compreensão do espaço geográfico nordestino?

O objetivo da dissertação – propor a construção do entendimento do espaço por meio da relação entre o discurso literário e o geográfico – norteou sua construção, trazendo reflexões acerca da temática.

Trata-se também de um estudo que abordou aspectos relevantes à geografia cultural e ao espaço descrito por João Cabral de Melo Neto em *Morte e vida severina*, analisando as categorias geográficas à luz da poética da obra em questão, com a delimitação do espaço do Sertão Nordeste, permitindo um diálogo entre Geografia e Literatura, ao romper com o pensamento fragmentado.

Foi lançada a hipótese de que a Literatura pode contribuir na aprendizagem do espaço geográfico. Como desenvolvimento, foram abordadas concepções acerca da abordagem da geografia cultural, de autores como Roberto Lobato Corrêa, que traz um diálogo entre Geografia e Literatura, complementado pelas ideias do pensamento complexo de Edgar Morin sobre cultura, vida/morte, diálogo entre as disciplinas.

O foco desta dissertação foi a análise do livro *Morte e vida severina* sob a perspectiva da relação do homem com a natureza, construindo a ideia de espaço geográfico, esse que na poética é centro de todo o trajeto do protagonista. Diante disso, apresento minhas conclusões referentes ao trabalho. O surgimento do conceito de espaço geográfico por meio do estudo de obras literárias e *Morte e vida severina* permitiu construir a ideia do Sertão Nordestino a partir da relação homem e natureza, e investigou o modo como o homem ocupa o espaço e as consequências desta ocupação.

O uso da Literatura no processo de ensino e aprendizagem nas aulas de Geografia contribui para que o aluno compreenda melhor, de forma mais atrativa e lúdica, o conceito de espaço geográfico. Trabalhar essa obra literária associada ao documentário produzido pela Globonews e com a animação da TV Escola facilita ainda mais a compreensão deste importante conceito da Geografia, além de possibilitar o contato com as mudanças que o espaço sofreu ao longo dos anos.

Pensar o saber geográfico de forma interligada com a Literatura, rompendo com a fragmentação, possibilita uma aprendizagem mais significativa do espaço geográfico, tornando o aluno agente social de seu conhecimento.

Para chegar a uma sociedade igualitária, é indispensável reformular a organização do espaço. Em primeiro lugar, dando a todos os homens o direito a um emprego que lhes permita dispor dos bens e serviços essenciais. Em segundo lugar, para uma sociedade igualitária é preciso eliminar as diferenças de renda e as classes sociais. A Literatura promove essa viagem por dentro dos textos, o que a torna tão interessante quanto explorar, com um bom guia, o espaço geográfico do Sertão, do Agreste e da Zona da Mata a partir da visão de Severino e de João Cabral de Melo Neto.

Referências

- AB' SABER, Aziz. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 1999.
- ALMEIDA, Maria Geralda de. Os cantos e encantamentos de uma geografia sertaneja de Patativa de Assaré. In: MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista. **Geografia e Literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação**. Londrina: EdUEL, 2010. p. 141-165.
- ALMEIDA, Maria Geralda de. Em busca do poético do sertão: um estudo de representações. In: ALMEIDA, Maria G. de; RATTTS, Alecsandro J. P. (Org.). **Geografia: leituras culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003. p. 71-88.
- AMORIM FILHO, Oswaldo B. O contexto teórico do desenvolvimento dos estudos humanísticos e perceptivos na Geografia. In: AMORIM FILHO, Oswaldo B. et al. **Percepção ambiental: contexto teórico e aplicações ao tema urbano**. Publicação especial n. 5. Belo Horizonte: IG/UFMG, 1987. p. 9-20.
- ANDRADE, Manuel Correia. **Espaço, polarização e desenvolvimento**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1987.
- ANITELLI, Fernando. Mãos aos desolados. In: TEATRO MÁGICO. **Grão do corpo**. São Paulo. 2014. 1 CD (43:55 min). Faixa 1 (5:04 min).
- ARAÚJO, Heloisa de. **Geografia e Literatura: elo entre o presente e o passado no Pelourinho**. 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia)–Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.
- ATHAYDE, Félix de. **Idéias fixas de João Cabral de Melo Neto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: FBN; Mogi das Cruzes: Universidade de Mogi das Cruzes, 1998.
- AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. 33. ed. São Paulo: Klick, 1997.
- AZEVEDO, Aroldo de. “Os sertões” e a Geografia. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 5, p. 23-44, 1950.
- BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. Tradução Antonio de P. Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução Antonio de P. Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética**. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: EdUnesp, 1993.

- BARBOSA, Frederico. **Severina**. São Paulo, 1996. Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/fred01.html>>. Acesso em: 29 out. 2015.
- BARBOSA, João Alexandre. A lição de João Cabral. **Cadernos de Literatura Brasileira**: publicação semestral do Instituto Moreira Salles, São Paulo, n. 1: João Cabral de Melo Neto, p. 62-105, mar. 1996.
- BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. São Paulo: Klick, 1995.
- BOAVENTURA, Edivaldo M. **Metodologia da pesquisa**: monografia, dissertação e tese. São Paulo: Atlas, 2004.
- BORGES FILHO, Ozires. Espaço, percepção e literatura. In: BORGES FILHO, Ozires; BARBOSA, Sidney. **Poéticas do espaço literário**. São Carlos: Claraluz, 2009. p. 167-189.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 39. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Artes. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Ensino médio. v. 4: Ciências Humanas e suas tecnologias. Brasília, DF: MEC/SEF, 1999.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: História, Geografia. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.
- BRITO, Fausto. **Brasil, final de século**: a transição para um novo padrão migratório? Caxambu, 2000. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/Brasil,%20Final%20de%20s%C3%A9culo%20-%20A%20Transi%C3%A7%C3%A3o%20Para%20Um....pdf>>. Acesso em: 3 mar. 2016.
- BROSSEAU, Marc. Geografia e literatura. Tradução: Márcia Trigueiro. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007. p. 17-77.
- CADERNOS de Literatura Brasileira. São Paulo: Instituto Moreira Salles, mar. 1996. n. 1: João Cabral de Melo Neto.
- CALLAI, Helena Copetti. O ensino de geografia: recortes espaciais para análise. In: CASTROGIOVANI, Antonio C.; CALLAI, Helena C.; SHÄFFER, Neiva O.; KAERCHER, Nestor André (Org.). **Geografia em sala de aula**: práticas e reflexões. Porto Alegre: EdUFRGS, 1998. p. 57-66.

CAMARGO, Aparecida Ramazotti de. **Aproximações metodológicas entre a Geografia e a Literatura**. 2012. Dissertação (Mestrado em Geografia)–Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

CAPRA, Fritjof. La red de los problemas que hay en el mundo. In: CAPRA, Fritjof. **Nueva consciencia**. Barcelona: Integral, 1994. p. 26-27.

CASTAGNINO, Raúl. **Tempo e expressão literária**. Trad. de Luiz Aparecido Caruso. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

CASTELLO, José. **João Cabral de Melo Neto: o homem sem alma**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

CASTRO, Josué de. Casa grande e senzala. In: ACADEMIA PERNAMBUCANA DE MEDICINA. **Ciclo de estudos sobre Josué de Castro: depoimentos**. Recife: UFPE, 1983. p. 71-95.

CASTRO, Josué de **Documentário do Nordeste**. São Paulo: Brasiliense, 1957.

CASTRO, Josué de. **Fatores de localização da cidade do Recife: um ensaio de geografia urbana**. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1948.

CASTRO, Josué. **Geografia da fome**. São Paulo: Brasiliense, 1965.

CASTRO, Manuel Antônio de. Natureza do fenômeno literário. In: SAMUEL, Rogel et al. **Manual de teoria literária**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 30-63.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas, SP: Papirus, 1999.

CHIOSSI, Eliana M. de F. Palavras de Cabral: a cura pela ocupação poética. In: CAMPOS, Maria do C. (Org.). **João Cabral em perspectiva**. Porto Alegre: EdUFRGS, 1995. p. 167-177.

CIAMPA, Antonio da C. **A estória do Severino e a história da Severina**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CLAVAL, Paul. As abordagens da geografia cultural. In: CASTRO, Iná Elias et al. (Org.). **Explorações geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 89-117.

CLAVAL, Paul. Campo e perspectivas da geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Geografia cultural: um século**. v. 3. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. p. 133-196.

CLAVAL, Paul. **Geografia cultural**. Tradução Luiz F. Pimenta e Margareth de Castro A. Pimenta. Florianópolis: EdUFSC, 1999.

CLAVAL, Paul. A Geografia e a percepção do espaço. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 45, n. 2, p. 243-255, 1974.

CORRÊA, Roberto Lobato. Carl Sauer e a geografia cultural. **Revista Brasileira de Geografia**, v. 51, n. 1, p. 113-122, 1989. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/RBG/RBG%201989%20v51_n1.pdf>. Acesso em: 28 out. 2015.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço e simbolismo. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p. 133-153.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Geografia cultural: uma antologia**. v. 1. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como processo de criação. In: MYNAIO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 51-66.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

FERNANDES, Mércia. **A questão urbana na poesia de João Cabral de Melo Neto**. 2005. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários)—Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

FERREIRA, Solange Terezinha de Lima. **A percepção geográfica das paisagens no Grande Sertão Veredas**. 1990. Dissertação (Mestrado em Geografia)—Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1990.

FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO. TV Escola. **Morte e vida severina** (animação). Direção e roteiro: Afonso Serpa. Direção de produção: Alexandre Fischgold. Direção de animação: Felipe Benévolo. Estudo sobre adaptação da obra para audiovisual: Luiz Felipe Botelho. Trilha sonora: Lucas Santtana e Rica Amabis. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2010. 56 min. som. P&B.

GALLAIS, Jean. Alguns aspectos do espaço vivido nas civilizações do mundo tropical. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 254, p. 9-16, 1977.

GALVE, Fernanda Rodrigues. **Ser(tão) Severino: memórias poéticas de João Cabral de Melo Neto (1950-1960)**. 2006. 187 f. Dissertação (Mestrado em História Social)—Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

GIARETTA, Liz Andréia. **Monteiro Lobato e o Sítio do Picapau Amarelo: uma análise do pensamento geográfico**. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia/Área de Análise da Informação Espacial)–Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 2008.

GODOY, José Roberto Araújo de. **Dois cães como objeto: elementos surrealistas em João Cabral de Melo Neto**. Aproximações com o cinema. 2009. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada)–Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

GRATÃO, Lúcia H. B. Da projeção onírica bachelardiana, os vislumbres da geopoética. In: OLIVEIRA, Livia de et al. (Org.). **Geografia, percepção e cognição do meio ambiente**. Londrina: Humanidades, 2006. p. 165-189.

GRATÃO, Lúcia H. B. **A poética d’“O Rio” – Araguaia!** De cheias... &... vazantes... (à) luz da imaginação! 2002. Tese (Doutorado em Ciências: Geografia Física)–Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

HAESBAERT, Rogério. Território, poesia e identidade. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 20-32, jan. 1997.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 1999.

HOLZER, Werther. A geografia fenomenológica de Eric Dardel. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto L. (Org.). **Matrizes da geografia cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 103-122.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Coordenação de Geografia. **Atlas das representações literárias de regiões brasileiras**. Rio de Janeiro: IBGE, 2006. Disponível em: <ftp://geoftp.ibge.gov.br/atlas/atlas_representacoes_literarias/vol_2_sertoos_brasileiros.pdf>. Acesso em: 25 out. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Mapa de biomas do Brasil: primeira aproximação**. Rio de Janeiro: IBGE, 2004. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/203/_arquivos/mapas_bsicos_caatinga.pdf>. Acesso em: 5 mar. 2016.

KAERCHER, Nestor André. A Geografia é o nosso dia-a-dia. In: CASTROGIOVANI, Antonio C.; CALLAI, Helena C.; SHÄFFER, Neiva O.; KAERCHER, Nestor André (Org.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre. EdUFRGS, 1998. p. 11-16.

LA BLACHE, Paul Vidal de. As características próprias da Geografia. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982. p. 37-47.

LEFEBVRE, Henri. **The production of space**. Tradução de Donald Nicholson-Smith. Oxford: Blackwell, 1991.

LIMA, Solange Terezinha de. Geografia e Literatura: alguns pontos sobre a percepção da paisagem. **Geosul**, Florianópolis, v. 15, n. 30, p. 7-33, 2000.

MARANDOLA, Janaína de Alencar e Silva. **Caminhos de morte e de vida: o rio Severino de João Cabral de Melo Neto**. 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia)–Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007.

MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo. Humanismo e arte para uma geografia do conhecimento. **Geosul**, Florianópolis, v. 25, n. 49, p. 7-26, jan./jun. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/2177-5230.2010v25n49p7/14027>>. Acesso em: 27 out. 2015.

MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista. **Geografia e Literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação**. Londrina: EdUEL, 2010.

MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo; OLIVEIRA, Livia de. Geograficidade e espacialidade na literatura. **Geografia**, Rio Claro, v. 34, n. 3, p. 487-508, set./dez. 2006.

MARIA, Yanci Ladeira. **Paisagem entre o sensível e o factual: uma abordagem a partir da geografia cultural**. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana)–Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e vida severina e outros poemas para vozes**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

MELO NETO, João Cabral de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito: seguido de A linguagem indireta e as vozes do silêncio e A dúvida de Cézanne**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **La prose du monde**. Paris: Gallimard, 1969.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

MONBEIG, Pierre. Literatura e Geografia. In: _____. **Ensaio de geografia humana brasileira**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1957. p. 33-77.

MONTEIRO, Carlos A. de F. **O mapa e a trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas**. Florianópolis: EdUFSC, 2002.

MONTEIRO, Carlos A. de F. O significante “ambiental” em Sobrados e Mucambos. In: FONSECA, Edson N. (Org.). **Sobrados e mucambos: entendimento e interpretação**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 1996. p. 67-114.

MORAES, Antonio Carlos Robert de. **Ideologias geográficas: espaço, cultura e política no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Annablume, 2005.

MORAES, Gabino Ribeiro de. **A chave do tamanho abre o conhecimento do espaço geográfico**. 2014. Dissertação (Mestrado em Geografia)–Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser na Geografia: ensaios de histórias, epistemologias e ontologias do espaço geográfico**. São Paulo: Contexto, 2007.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

MORIN, Edgar. **O método 1: a natureza da natureza**. 3. ed. Trad. Maria Gabriela de Bragança. Lisboa: Europa-América, 1997.

MORIN, Edgar. **O método 4: as ideias**. Trad. Juremir Machado da Silva. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MORIN, Edgar. **O método 5: a humanidade da humanidade**. Trad. Juremir Machado da Silva. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2012.

MORIN, Edgar. **O paradigma perdido: a natureza humana**. Lisboa: Europa-América, 1973.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2005.

MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. **Terra pátria**. Tradução de Paulo Azevedo Neves da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2003.

MORTE E VIDA SEVERINA: 60 anos depois. Direção: Gerson Camarotti e Cristina Aragão. Produção: Murilo Salviano. Imagens: Sandiego Fernandes. Som: Edson Vander. Narração: Jesuíta Barbosa. Trilha sonora: Marion Lemmonier. Edição: Aldrin Luciano. Rio de Janeiro: Globonews, 2015. Documentário, 1h 59s.

MOTA, Mauro. **Geografia literária**. Rio de Janeiro: MEC: INL, 1961a.

MOTA, Mauro. A Geografia na Literatura. In: _____. **Geografia literária**. Rio de Janeiro: MEC: INL, 1961b. p. 93-99.

NABOZNY, Almir. **Abordagens culturais na geografia brasileira: uma compreensão**. 2014. Tese (Doutorado em Geografia)–Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995.

OLANDA, Diva Aparecida Machado. **As representações das paisagens culturais do espaço goiano em obras carmobernadianas: Memórias do Vento e Jurubatuba**. 2006. Dissertação (Mestrado em Geografia)–Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2006.

OLIVEIRA, Lívia. Ainda sobre percepção, cognição e representação em geografia. In: MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Salette. (Org.). **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. Curitiba: EdUFPR, 2002. p. 189-196.

OLIVEIRA, Marly de. João Cabral de Melo Neto: Breve introdução a uma leitura de sua obra. In: NETO, João Cabral. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 15-24.

PERGUNTAS Braskem: Valter Hugo Mãe, o retorno à infância e a reflexão sobre a morte. **Fronteiras do Pensamento**, Porto Alegre, 27 jul. 2015. Disponível em: <<http://www.fronteiras.com/noticias/pergunta-braskem-valter-hugo-mae>>. Acesso em: 8 nov. 2015.

PERNAMBUCO. Secretaria de Recursos Hídricos e Energéticos. **Plano hidroambiental da Bacia Hidrográfica do rio Capibaribe** (PHA- Capibaribe). Recife, 2010.

PESSOA, Fernando. **Poemas de Álvaro de Campos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

PETRAGLIA, Izabel. **Edgar Morin: a educação e a complexidade do ser e do saber**. Petrópolis: Vozes, 2008.

PINTO, Maria Isaura R. Rio/homem: cursos e discursos na poesia de João Cabral. **Soletras**: revista do Departamento de Letras da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, São Gonçalo, n. 5-6, p. 124-138, 2003. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/4468>>. Acesso em: 27 out. 2015.

POCOCK, Douglas. Geography and literature. **Progress in Human Geography**, Manchester, v. 12, n. 1, p. 85-102, mar. 1988.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.

QUEIROZ, Raquel de. **O Quinze**. 77. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 89. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2003.

ROCHA, Francsico José G. L. **Representação e prática da criação literária na obra de João Cabral de Melo Neto: análise textual**. 2011. 418 f. Tese. (Doutorado em Letras)–Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

SANTOS, Milton. O espaço geográfico como categoria filosófica. **Terra Livre**, São Paulo, n. 5, 1988. p. 9-20.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia nova**. São Paulo: Hucitec: Edusp, 1978.

SANTOS, Rita de Cássia Evangelista dos; CHIAPETTI, Rita Jaqueline Nogueira. Uma investigação sobre o uso das diversas linguagens no ensino de Geografia: uma interface teoria e prática. **Geografia Ensino e Pesquisa**, Santa Maria, v. 15, n. 3, p. 167-183, set./dez. 2011.

SEGISMUNDO, Fernando. Literatura e Geografia. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, n. 76, p. 327-332, jul. 1949.

SEVERINO, Antônio J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Igor Antônio; BARBOSA, Túlio. Ensino de geografia e literatura: quando a estética é especializada. In: ENCUESTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA, 14., 8-12 abr. 2013, Lima, Perú. **Anales...** Lima: Unión Geográfica Internacional, 2013. p. 80-89.

SILVA, Joseilton José de Araújo. **A utilização da literatura de cordel como instrumento didático metodológico no ensino de geografia**. 2012. Dissertação (Mestrado em Geografia)–Instituto de Geociências, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

SILVA, Talita Pereira; RAMOS, Ana Carolina R. de Cara; CAMURÇA, Yonara de Albuquerque. A fragmentação e hierarquização dos saberes artísticos na escola. In: SEMINÁRIO REGIONAL DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO DO NORDESTE, 8., 6-8 dez. 2014, Salvador. **Anais...** Salvador: Anpae, 2014. Disponível em: <<http://www.srna2014.ufba.br/modulos/submissao/Upload-222/60016.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2015.

SOUSA, Andréia Aparecida Moreira de. **Geografia e Literatura: apresentação de Goiânia em fragmentos de Viver é Devagar, de Brasigóis Felício**. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia)–Departamento de Ciências Humanas, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

TEIXEIRA, Ana Lúcia. **O entendimento da organização espacial da cidade do Rio de Janeiro a partir da obra de Aluísio de Azevedo: O cortiço**. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia)–Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2007.

TUAN, Yi-Fu. Geografia humanística. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio. **Perspectiva da Geografia**. São Paulo. Difel. 1982. p. 143-164.

TUAN, Yi Fu. **Paisagem do medo**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Unesp, 2005.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

VELASCO, Patrícia. **Terra seca, homem seco**: as relações entre a Literatura e o Ensino de Geografia. 2012. Dissertação (Mestrado em Geografia)–Instituto de Geociências, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

VESENTINI, José William. (Org.). **O ensino de geografia no século XXI**. Campinas, SP: Papirus, 2004.

VESENTINI, José William; VLACH, Vânia. **Geografia crítica**. São Paulo: Ática, 2006.

VILANOVA NETA, Maria Amélia. **Geografia e Literatura**: decifrando as paisagens dos mocambos do Recife. 2005. Dissertação (Mestrado em Geografia)–Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.